



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
FACULDADE DE LETRAS - FALE**



Almir Almeida de Oliveira

OPERADORES ASPECTUAIS E INTERPRETAÇÃO DO PREDICADO

**Maceió
2011**

ALMIR ALMEIDA DE OLIVEIRA

OPERADORES ASPECTUAIS E INTERPRETAÇÃO DO PREDICADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Jair Gomes de Farias

Maceió

2011

**Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- O48o Oliveira, Almir Almeida de.
Operadores aspectuais e interpretação do predicado / Almir Almeida de
Oliveira. ó 2011.
92 f.
- Orientador: Jair Gomes de Farias.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) ó Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em
Letras e Linguística. Maceió, 2011.
- Bibliografia: f. 91-92.
1. Linguística. 2. Língua portuguesa ó Semântica. 3. Língua portuguesa ó
Sintaxe. 4. Operadores aspectuais. I. Título.

CDU: 801.54/.56



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



TERMO DE APROVAÇÃO

ALMIR ALMEIDA DE OLIVEIRA

Título do trabalho: "OPERADORES ASPECTUAIS E INTERPRETAÇÃO DO PREDICADO"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Presidente:

Profª. Dra. Maria Denilda Moura (PPGLL/UFAL)

Examinadores:

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/UFAL)

Profª. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva (UFRPE)

Maceió, 12 de março de 2012.

Aos meu pais

Maria José de Oliveira e

Almir Almeida de Oliveira

*Aos meu país,
Maria José de Oliveira e
Augusto Almeida de Oliveira.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceber a vida e me proporcionar, em cada momento, força para sempre continuar a caminhada, com respeito e amor ao semelhante.

Agradeço a papai por me ensinar, ainda em casa, as primeiras letras, pois foi quem primeiro me mostrou o valor do conhecimento e quem sonhou junto comigo esta conquista.

Agradeço a mamãe porque sempre acreditou em mim até mesmo quando nem eu mesmo acreditava, e por tantas e tantas orações que fez pelo filho em terra estranha.

Agradeço à minha madrinha Alteniza que sempre foi minha segunda mãe e, com certeza, é uma das responsáveis por eu ter chegado até aqui.

À Maria Nazaré, a primeira professora, que me despertou o amor pelo ambiente da escola.

A Tânia Sobral, minha professora em todo o Ensino Fundamental e Médio, que me mostrou a beleza da Língua Portuguesa, e que sempre foi referência para mim em sala de aula.

Aos meus amigos Zezinho, Givaldo e Júnior, pelas madrugadas que passamos juntos refletindo o potencial da vida.

À Maria Helenita, madrinha, amiga, professora e diretora que me possibilitou amar a educação.

Aos meus amigos e irmãos Erivaldo e Antônio Vieira, pelos momentos que me ouviram.

Ao Izaque, meu irmão de acolhida, que sempre ouviu com paciência minhas lamúrias da pesquisa e me incentivou a superar as dificuldades encontradas.

Às minhas amigas Verinha, Adriana e Daniele porque sempre acreditaram em mim.

Às Elaines, Raposo e Santos, Mary Elen (Mel), Eliene, Lisiane, Sandra e outros amigos que tiveram paciência de suportar minhas dúvidas e me ajudaram respondê-las.

Aos doutores Elias André, Sérgio de Moura e Edna Porangaba que me socorreram nas horas mais difíceis.

À Luciana que, além de namorada, foi amiga, irmã e mãe, e esteve comigo em cada momento de angústia na produção desta dissertação.

Ao Elcy Luiz, professor que me despertou o amor pela ciência.

Ao Jair Farias, meu orientador que, com muita paciência e humildade, me ensinou a superação.

À FAPEAL, pelo apoio financeiro durante o período de desenvolvimento desta pesquisa.

A todos que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

“Once a mechanism is in place which admits of making use of information from complements and other non-functor elements in a phrase, it is interesting to imagine how the notion of co-composition can be extended to handle other phenomena.”

(Pustejovsky, 1998, p.127)

RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação é o predicado que autoriza uma interpretação temporal de futuro por intermédio de adjuntos adverbiais de tempo, que atuam como Operadores Aspectuais, mesmo com verbos no presente. Adotamos os pressupostos teóricos do gerativismo (CHOMSKY, N. 1981, 1993, 1995), sob uma interface sintático-semântica do léxico (PUSTEJOVSKY, J. 1998) para analisar os contextos estruturais em que as sentenças com tempo verbal no presente permitem uma interpretação aspectual em função do futuro. Utilizamos o método hipotético-dedutivo, a partir de dados de introspecção, para evidenciar que essa leitura aspectual do predicado é possível dependendo do tipo de verbo. Os verbos e Operadores Aspectuais trabalham conjuntamente para a realização de sentidos no predicado, havendo, para tanto, uma co-composição dos itens lexicais dentro da numeração. Dessa forma, é realizada uma análise estrutural a partir de um esquema de léxico que busca não só explicar como cada elemento da sentença se comporta a fim de autorizar a interpretação do predicado, como também mostrar por que em algumas sentenças essa leitura aspectual não é permitida.

Palavras-chave: Operadores Aspectuais; Semântica, Sintaxe.

ABSTRACT

The object of study of this thesis is the predicate which allows temporal interpretation of the future through time adverbial adjuncts, which act as Aspectual Operators, even when they have verbs in the present tense. We adopt the theoretical assumptions of the Generative Grammar (CHOMSKY, N. 1981, 1993, 1995), in a syntactic-semantic interface of the lexicon (PUSTEJOVSKY, 1998) to analyze the structural contexts in which sentences in the present tense allow an interpretation aspectual of future. We use the hypothetical-deductive method, from data of introspection, to show that this reading of the aspectual predicate is possible dependently the type of verb. The verbs and Aspectual Operators work together to perform the senses of predicate, thus enabling, a co-composition of lexical items in lexicon that seeks to explain how each element of the sentence behaves in order to allow the interpretation of the predicate, and also show why in a few sentences that aspectual reading is not allowed.

Keywords: Aspectual Operators, Semantics, Syntax.

LISTA DE CONCEITOS E ABREVIATURAS

	Spell-out	Envio de informações à PF
	Output	Saída/Resultado
	Input	Entrada
	Head	Núcleo
A	Adjectiv	Adjetivo
AdvP	Adverbial Phrase	Grupo adverbial
AGR	Agreement	Concordância
AP	Adjectiv Phrase	Grupo adjetival
ARG	Argument	Argumento
ARGSTR	Structure Argument	Estrutura argumental
AST-T	Assertion time	Momento de inserção
Comp	Complementizer	Complementizador
D-ARG	Default Argument	Argumento falho
DE		Descrições Estruturais
DP	Determiner Phrase	Grupo Determinante
E	Event	Evento
Estrutura-D	Deep-Structure	Estrutura profunda
EVENTSTR	Event Structure	Estrutura de evento

EV-T	Event time	Momento de evento
FI	Full Interpretation	Interpretação Plena
I ou INF	Inflection	Flexão
IP	Inflectional Phrase	Grupo flexional
Lcp	Lexicon Conceptual Paradigm	Paradigma do Léxico Conceitual
LF	Logical Form	Forma Lógica
N	Noun	Nome
NP	Noun Phrase	Grupo Nominal
P	Preposition	Preposição
PB		Português Brasileiro
PF	Phonetic Form	Forma Fonética
PP	Preposition Phrase	Grupo preposicional
RESTR	Restriction	Restrição
S	Sentence	Oração/ frase
S-ARG	Shadow Argument	Argumento sombra
SEL	Sense Enumeration Lexicon	Sentido de enumeração do léxico
Spec	Specifier	Especificador
T		Tempo
T-ADJ	True Adjunt	Adjunto verdadeiro

\mathcal{T}_i	Transitions	Transição de eventos
UG	Universal Grammar	Gramática Universal
UT-T	Utteration time	Momento de interação
V	Verb	Verbo
VP	Verbal Phrase	Grupo Verbal
θ	Theta	Função temática
Λ	Lambda	Representação em LF
Π	Pi	Representação em PF
Σ	Sigma	Expressões linguísticas
Φ	Phi	Traços gramaticais de <i>pessoa, número e gênero</i>
\emptyset	Vazio	Marca de ausência de evento do verbo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 PERSPECTIVA TEÓRICA ADOTADA	17
1.1 TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS	17
1.1.1 Teoria X-barra	18
1.2 A PROPOSTA DO PROGRAMA MINIMALISTA	24
1.2.1 O léxico minimalista	30
1.3 A TEORIA DO LÉXICO GERATIVO.....	32
2 TEMPO E ASPECTO.....	35
2.1.1 O aspecto no português	36
2.2 A SINTAXE DO TEMPO	48
2.2.1 A estrutura de Tempo e Aspecto da oração	49
2.2.2 Tempo adverbial	55
2.2.3 Advérbios de duração	57
3 LÉXICO GERATIVO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE.....	62
3.1 A ESTRUTURA LEXICAL	62
3.1.1 A Estrutura argumental	63
3.1.2 Estrutura de evento.....	66
3.1.3 Estrutura Qualia	71
3.1.4 A Co-composicionalidade.....	74
3.1.5 Evento de processo.....	78
3.1.6 Ausência de evento e evento de estado.....	85
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta dissertação são os predicados que autorizam leitura de futuro, mesmo com verbos no presente. Essa leitura de futuro se realiza com a presença de adjuntos adverbiais que se comportam como Operadores Aspectuais modificando têmporo-aspectualmente todo o predicado em função do futuro. É o que acontece com frases do tipo *João vende a casa amanhã*.

Nessa frase fica claro que a presença do Operador Aspectual *amanhã* modifica a leitura do predicado, pois podemos notar que o verbo está conjugado no presente, embora não possamos dizer que a sentença também esteja no presente. O interessante, ao observarmos essa possibilidade aspectual é que, dependendo do verbo e dos demais elementos da sentença, essa leitura de futuro não pode se realizar. É exatamente o que acontece em **Maria está bonita amanhã*, ou **João te odeia amanhã*.

Há vários fatores morfológicos, sintáticos e semânticos que influenciam o Aspecto nas línguas em geral, entre eles os morfemas temporais, as construções perifrásticas, os complementos verbais, e o que mais nos interessa, os adjuntos adverbiais.

Dizer que estas construções são operadoras significa que se assume uma perspectiva dinâmica em que ocorre uma conversão de um determinado tipo de situação num outro, através de uma operação de transição (ou de transformação). A questão essencial é determinar qual o tipo ou parte do núcleo aspectual de um evento sobre o qual se vai operar essa conversão sem provocar anomalia semântica e também qual o resultado final dessa operação. (OLIVEIRA, 1997, p. 146)

É a partir desse ponto que começamos nossa caminhada para analisar o que acontece internamente no predicado ao autorizar ou não a leitura aspectual de futuro.

Esse tipo de construção no Português Brasileiro, doravante PB, é muito comum, e não compromete a noção de gramaticalidade, embora em algumas situações essa leitura aspectual a partir do advérbio não seja permitida:

1)

- a) Eu chego amanhã.
- b) *Eu a temo amanhã.
- c) Eu volto amanhã.

Nestas três frases acima, podemos ter um exemplo de como se realiza o aspecto e de como ele depende das relações internas dos termos da oração, pois podemos observar que em (1a), a leitura aspectual em função do futuro é possível. Em (1b), ao contrário, com o verbo *temer* não é possível essa leitura, e a construção se torna agramatical. Já em (1c), *voltar* aceita normalmente uma parceria com o advérbio permitindo, assim, a leitura aspectual de futuro.

O que é importante analisar é como os três verbos se relacionam com os adjuntos; com o verbo *temer* é semanticamente inviável a realização sintagmática com a presença de um Operador Aspectual de tempo futuro, uma vez que o evento realizado por este verbo não autoriza essa leitura aspectual apenas por intermédio do adjunto, evidenciando que há algo mais que o Operador Aspectual para que se realize essa leitura de futuro.

Para analisar e explicarmos esse fenômeno, organizamos este trabalho em dois capítulos. No primeiro, fazemos um apanhado geral da teoria adotada: consideramos as discussões teóricas sobre o léxico, seja sob uma perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), ou a partir do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995), bem como a visão do Léxico Gerativo de Pustejovsky (1998).

Afinal, é a entrada de um item lexical na numeração, neste caso o advérbio, que altera os sentidos nucleares do verbo, possibilitando uma leitura aspectual de futuro. Por isso, buscamos entender como funciona essa entrada lexical, considerando as relações semânticas existentes entre os diversos elementos linguísticos.

Ainda no primeiro capítulo, mantemos discutimos sobre a interferência dos advérbios nas construções temporais a partir de Demirdache & Uribe-Etxebarria (2004). As autoras defendem que os advérbios interferem na sintaxe da oração e conseqüentemente na organização temporal, e propõem, dessa forma, uma análise sintática do tempo na oração, considerando a alteração aspectual da entrada do advérbio.

Utilizamos, também, o suporte teórico de Castilho (1968) para discutir as relações aspectuais com observância às realizações perfectivas e imperfectivas e como os elementos não verbais podem contribuir para essas realizações. Castilho (1968) defende que as relações aspectuais no português se constroem a partir de valores de complemento, duração, repetição e neutralidade, que fornecem informações para a realização aspectual perfectiva, imperfectiva, iterativa – que também será subclassificada quanto à perfectividade – e indeterminado, que é justamente a negação da noção (im)perfectiva.¹

No segundo e último capítulo, destinado à análise, aprofundamos a discussão sobre o Léxico Gerativo a partir de Pustejovsky (1998) e buscamos explicar como o princípio de co-composicionalidade possibilita que elementos externos ao verbo possam, ou não, interferir na leitura de tempo através do aspecto.

Descrevemos os quadros semânticos que mostram como cada parte significativa de uma sentença atua na geração de um conjunto semântico maior, compreensivo e livre de ambiguidades. A Estrutura Argumental, a Estrutura de Evento e a Estrutura Qualia organizam as particularidades semânticas de cada item lexical que entra na numeração de modo a conferir compreensão e evitar a construção agramatical de sentenças.

Assumindo o compromisso de analisarmos a realização desse fenômeno, propomos um modelo de estrutura lexical do PB que evidencia essas relações internas de cada item lexical para a autorização, em determinadas situações, de uma leitura aspectual de futuro, mesmo contendo verbos no presente.

Assim, esperamos mostrar em que contextos o PB permite as leituras aspectuais de futuro mesmo contendo verbos no presente.

¹ Para outras leituras sobre e Aspecto e Operadores Aspectuais cf.: Oliveira (1992), Godoi (1992), Lyons (1979).

1 PERSPECTIVA TEÓRICA ADOTADA

Nesta seção, trazemos algumas abordagens preliminares sobre a natureza do léxico em uma perspectiva gerativa de Chomsky (1981, 1993, 1995) e Pustejovsky (1998), bem como fazemos uma breve discussão sobre a noção de Aspecto com Castilho (1968) e discutimos a sintaxe do tempo com Demirdache & Uribe-Etxebarria (2004).

Dessa forma, formamos o quadro teórico que nos fornecerá bases para analisar o problema de leitura aspectual de futuro a partir da interferência de um advérbio que funciona como Operador Aspectual.

1.1 TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

Buscamos, neste momento da dissertação, percorrer um breve caminho sobre a teoria gerativa para explicar como o léxico é contemplado nesse campo de estudo. Partimos da Teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1981) para explicar as relações internas da teoria X-barras e como se dão, a partir da teoria, as configurações de adjunção.

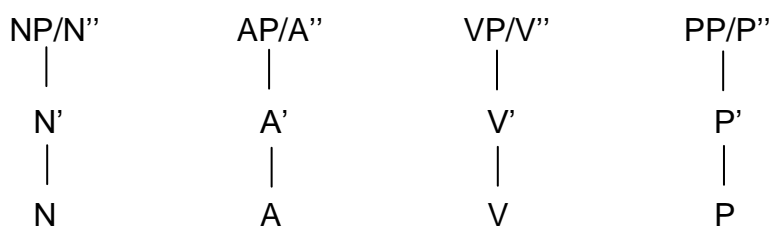
O léxico é compreendido, na teoria gerativa, como um conjunto de informações sintáticas, fonológicas e semânticas que atuam sobre itens lexicais particulares. Portanto, qualquer língua natural, ao conceber um léxico, estará confirmando um modelo gramatical particular.

O léxico porta um conjunto de propriedades de itens lexicais que garantem a significação deste item em um momento de uso. Dessa forma, o léxico é o responsável por garantir essas informações aos itens lexicais e permitir que se organizem em sentenças. Ou seja, se podemos, em PB, ter uma sentença do tipo *João traz o presente amanhã*, é porque as informações contidas em cada item lexical se organizaram de tal forma a ponto de nos autorizarem a interpretação.

É justamente para explicar essa entrada do item lexical em estruturas fráscas que surgem as teorias de representação sintática, que passaram a ser

designadas de Teoria X-barra. As frases possuem esquemas sintáticos abstratos em três níveis que se organizam a partir das categorias lexicais N(ome), V(erbo), P(reposição), A(djetivo). A primeira projeção X representa qualquer uma das categorias lexicais; a projeção 2, representada por X' resulta da composição de X com seus complementos; já o terceiro nível representado por X'' provém da combinação de X' com o especificador da projeção. Podemos melhor perceber essa representação do esquema abaixo:

2)



Observemos que o advérbio, até então, não faz parte das categorias lexicais. Estas se restringem ao papel de núcleo do item lexical a partir do qual a estrutura se deriva. No entanto, ao se considerar os princípios ou condições de inclusão e continência, observamos que o adjunto pode ser considerado um elemento constituinte categorial.

Todas as relações definidas pelo núcleo devem ser assentadas dentro da sua projeção máxima. Entretanto, existem ainda constituintes que são licenciados numa sentença sem ser complemento ou especificador de um núcleo. São os chamados **adjuntos**. (MIOTO, 2000, p. 68)

Veremos especificamente a partir de 1.1.1.1 como o adjunto se organiza junto às categorias e contribui para as realizações semânticas de uma sentença.

1.1.1 Teoria X-barra

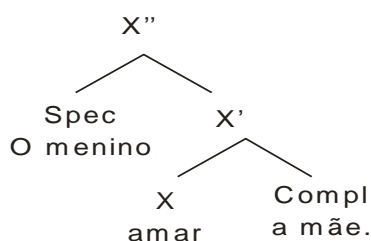
A teoria X-barra refere-se, principalmente, à hierarquização sintática das categorias lexicais e sintagmáticas, em que estas são projeções das categorias lexicais. Isso quer dizer que não há nenhuma diferença categorial entre uma

determinada categoria XP, em que P é um sintagma, e seu núcleo lexical, senão apenas uma diferença de nível hierárquico. Assim, a cada categoria é atribuída um valor de dois parâmetros distintos, um de valor gramatical, outro que representa o nível estrutural em que a categoria ocorre.

A tese central da teoria X-barras de Chomsky (1970) é que todas as categorias sintagmáticas baseadas em categorias lexicais principais são a realização de um único esquema sintático abstrato em que se reconhece três níveis hierárquicos em vez de dois, ou seja, com duas projeções sucessivas das categorias lexicais. (Op. Cit., p. 168).

Para tanto, a teoria propõe a existência de elementos modificadores das categorias lexicais: complementos ou especificadores. Cada um deles fornecendo informações essenciais para o desenvolvimento de projeções. Daí a noção de X'', como no esquema:

3)



A projeção obtida no nível 2 surge através da composição da categoria X' com o especificador da categoria lexical, e designa-se como categoria X''. Os especificadores são modificadores não sub-categorizados das categorias lexicais, conforme pudemos observar em (3).

Os quantificadores, auxiliares e adjuntos são considerados especificadores e, como tais, não são subcategorizados, diferentemente dos complementos que são subcategorias de categorias sintagmáticas, como é o caso de *a mãe* em (3) que está subcategorizada à categoria X'.

“Na teoria X-barras, Spec e Comp são unicamente noções funcionais, a par das noções de sujeito, predicado, núcleo, etc” (RAPOSO, 1992, p. 173) sendo o Especificador X'' e o Complemento X'.

“Os núcleos lexicais se identificam com as categorias lexicais que são definidas pela combinação de apenas dois traços distintivos fundamentais: nominal

[N] e verbal [V]. A esses traços são associados dois valores + ou -." (MIOTO, 2000, p. 56). Dessa forma, as categorias lexicais N, V, A, P se realizam através do jogo de valores positivo e negativo, como se pode ver no quadro seguinte:

4)

	Adj	Prep
Nome	+N	-V
Verbo	+V	- N

O advérbio não está contemplado no esquema acima, portanto ele não é considerado uma categoria lexical.

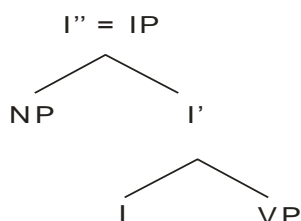
No entanto, além das categorias lexicais, ainda existem as categorias funcionais ou gramaticais que, diferentemente das categorias lexicais, não têm capacidade de selecionar semanticamente um argumento. "Sua existência é postulada para a língua se esta apresenta uma determinada propriedade gramatical de modo saliente, mesmo sem ter um item pronunciado que dê suporte." (MIOTO, 2000, p. 59). Por bastante tempo, o advérbio foi considerado apenas uma categoria gramatical, sem a capacidade de selecionar argumentos, no entanto, discussões mais recentes postulam que o advérbio em algumas situações pode se comportar como uma categoria lexical.

O adjunto adverbial² é considerado uma categoria funcional, como a categoria IP (Inflectional Phrase), que em Princípios e Parâmetros busca dar conta das relações flexionais em estrutura sintática, ou seja, das relações gramaticais das categorias frasais.

Considerando a categoria IP, Infl é uma categoria de grau zero capaz de projetar de acordo com a teoria X-barrá, sendo IP a projeção máxima de Infl. A primeira projeção de Infl (Infl') contém Infl e o VP da oração que fica, portanto, reduzido ao estatuto de complemento de Infl. A projeção máxima IP contém Infl' e o NP sujeito, reduzido ao estatuto de especificador de Infl:

² Para ver outras discussões sobre o comportamento do advérbio conferir Jackendoff (1972).

5)



Enquanto núcleo da projeção I', a flexão encontra-se sujeita ao parâmetro de ordenação linear. Em línguas como o português, no qual o valor de parâmetro é [X Compl], as organizações básicas são [V Objeto] e [Infl VP]. Dessa forma, a projeção IP explicará as flexões existentes nas organizações sintagmáticas em qualquer língua particular L.

A noção de constituintes é definida a partir do núcleo e “são integralizados quando na projeção intermediária dominam os complementos que devem dominar e na projeção máxima dominam no máximo um especificador”. (MIOTO, 2000, p. 68). Porém, os adjuntos adverbiais não podem ser precisados como complementos ou especificadores.

1.1.1.1 Configurações de adjunção

Numa configuração de adjunção, a categoria adjunta A é ao mesmo tempo irmã e filha da categoria B, à qual é adjunta, ou seja, B ocorre em dois níveis hierárquicos sucessivos, conforme veremos em (6).

No entanto, não é consenso se esse tipo de configuração adjuntiva existe em Estrutura-D e quais as categorias gramaticais são permitidas nessa configuração (MIOTO, 2000); (RAPOSO, 1992).

Todavia, os esquemas universais da teoria X-barras obedecem à seguinte forma:

$$X^n \rightarrow \dots X^{n-1} \dots \quad (n, \text{um número positivo})$$

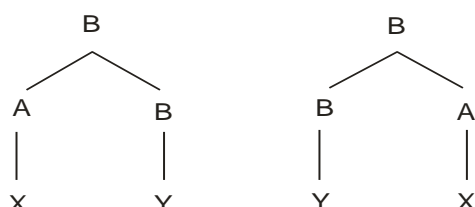
Tal esquema foge a adjunção que é ao mesmo tempo dominante e dominada, uma vez que “cada expansão de uma categoria X^n tem uma barra a menos do que a categoria expandida.” (RAPOSO, 1992, p. 200)

Para isso sugere-se novo esquema, que admite a existência de adjunções em Estrutura-D, o que implica em esquemas mais flexíveis, abandonando-se o princípio de sucessão:

$$X^m \rightarrow \dots X^n \dots \quad (m \text{ e } n \text{ números naturais, } m \geq n)$$

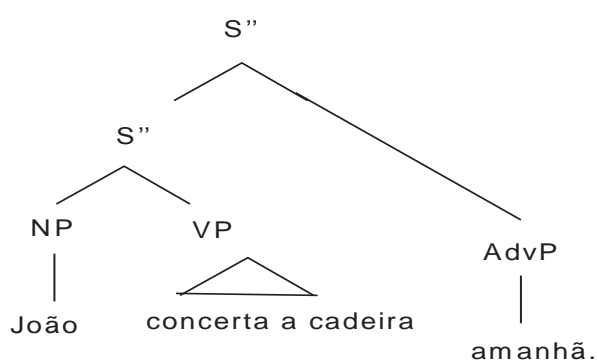
Assim, a adjunção pode ser contemplada pela Teoria X-barra, a qual aceita que semanticamente os adjuntos são modificadores dos constituintes aos quais se encontram adjungidos, podendo, portanto, serem analisados através da teoria X-barra. Nesse sentido, a categoria adjunta A é ao mesmo tempo irmã e filha da categoria principal B à qual é adjunta:

6)



Se considerarmos A uma categoria adjunta, podemos ver que, nas duas representações, ela é ao mesmo tempo irmã e filha da categoria B, ou seja, B ocorre em dois níveis hierárquicos diferentes. Dessa forma, a categoria modificada e a categoria adjunta contêm a mesma quantidade de barras uma da outra. Vejamos:

7)



Não há no esquema acima duas ocorrências distintas de S'', mas apenas uma ocorrência descontínua formada por dois segmentos distintos. O debate se dá sobre se estas configurações existem em estrutura-D ou não. Uma das posições nesta discussão (Cf. LARSON, 1988) é que as relações adjuntivas não existem em estrutura-D, e os esquemas universais da Teoria X-barra obedecem ao esquema:

$$X^n \longrightarrow \dots X^{n-1} \quad (\text{sendo } n \text{ um número positivo})$$

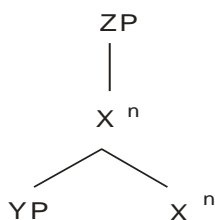
É evidente que o modelo acima é exageradamente restritivo. Ele contraria as configurações de adjunção que permitem que a categoria seja ao mesmo tempo dominada e dominante, e prevê que a cada expansão hierárquica, a categoria X^n tenha uma barra a menos.

Por esse motivo, surgem as hipóteses de dominação, inclusão e exclusão.

- “(i) *Dominância*
X domina Y sse todos os segmentos de X s-dominam Y.
- (ii) *Inclusão*
X inclui Y sse pelo menos um segmento de X s-domina Y.
- (iii) *Exclusão*
X exclui Y sse nenhum segmento de X s-domina Y.” (RAPOSO, 1992, p. 208)

Levando em consideração que o elemento Y é o adjunto, podemos representar essa relação assim:

8)



Nesse caso, X^n não domina YP, visto que apenas um segmento seu s-domina (dominância por um segmento) YP. De modo amplo, YP não é dominado pela categoria que modifica, pois também carrega consigo um traço de irmandade.

Como visto acima, o YP é apenas dominado por ZP, uma vez que todos os segmentos de ZP dominam X^n , que por sua vez domina YP – ao menos um de seus segmentos s-domina YP. Ou seja, um adjunto é incluído e não dominado pela categoria que modifica.

E o esquema que melhor explica a realização adjuntiva é a que considera a possibilidade de filiação e irmandade simultâneas por parte do adjunto:

$$X^m \longrightarrow \dots X^n \quad (\text{sendo } m \text{ e } n \text{ número naturais, } m \geq n)$$

Pois, dessa forma, as configurações de adjunção podem dominar o elemento hierárquico posterior, e simultaneamente ser dominado por ele. É dessa forma que o adjunto se realiza como modificador, pois ele atua além da categoria, aparecendo em níveis diferentes.

Assim, podemos perceber como se dá a entrada da adjunção na organização sintática, habilitando a modificação/leitura aspectual de todo o predicado. Uma vez que o adjunto não se limita a uma categoria, pelo contrário, poderíamos dizer que é um elemento intercategoriaal, pois não pode ser delimitado como uma categoria filha ou irmã, mas ambas ao mesmo tempo.

Dessa forma, podemos constatar que o advérbio não é um elemento lexical completamente acessório, a ponto de ser excluído das categorias lexicais, conforme vimos as discussões teórica até aqui. Porém, sua presença em realizações sentenciais mostra que sua participação na organização sintática da sentença dá-se como categoria parcial, ao ponto de ser representada pela Teoria X-barras como categoria irmã e filha simultaneamente.

1.2 A PROPOSTA DO PROGRAMA MINIMALISTA

Dentro da proposta do Programa Minimalista, uma língua particular L é um procedimento gerativo que constrói pares de 'instruções' para os sistemas de performance Forma Fonética (Phonetic Form - PF) e Forma Lógica (Logic Form - LF), sendo cada um desses elementos formados por objetos legítimos capazes de receber uma Interpretação Plena (Full Interpretation - FI).

As derivações determinadas por uma língua L convergem num dos níveis de interface PF e LF se satisfizer FI nesse nível, e só converge em ambos os níveis. Caso contrário fracassará. “A língua L gera assim três conjuntos relevantes de computação: o conjunto D das derivações, um subconjunto D_C das derivações convergentes, e um subconjunto D_A das derivações admissíveis em D.” (CHOMSKY, 1995, p. 308)

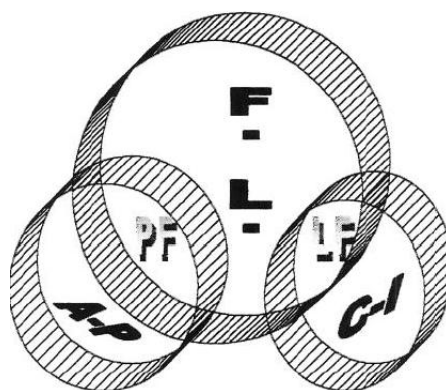
Considerando os tipos de derivação, estes não dependem da condição de economia. Se uma derivação fracassa, o sistema pode construir uma derivação que não fracasse, selecionando uma D_A (derivação admissível em D).

Nesse caso, o elemento universal, que é entendido como a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, será restrito à Faculdade de Linguagem que pode ser única entre os sistemas cognitivos possibilitando que o sistema computacional C_{HL} seja um caso biológico isolado. O que faz da Faculdade de Linguagem um componente de interação como outros sistemas biológicos comuns à espécie, mas que não determina as línguas particulares. É composta pelos sistemas *cognitivo* e de *performance* com os quais interage a partir dos níveis de representação linguística.

Essa interação dá-se através do acesso às informações contidas no sistema cognitivo pelo sistema de performance.

Os sistemas de performance agrupam-se em dois grupos: articulatório-perceptual (AP) e conceitual-intencional (CI). O primeiro estabelece interface com o nível de representação da PF, já o segundo estabelece interface com o nível de representação da LF, conforme podemos observar na ilustração abaixo³:

9)



³ Ilustração retirada de Lopes, 1999.

Assim, os níveis de representação se aplicam somente nos níveis de interface, vinculando a noção de estrutura possível à PF e LF, que tem como garantia a condição de FI, que prevê que, se estruturas formadas forem legítimas, estas recebem uma interpretação. Se isso não acontecer nos dois níveis, a construção não recebe interpretação e não será, portanto, *ótima*.

Dentro dessa proposta, uma língua particular L exerce procedimentos gerativos que constroem pares de 'instruções' para os sistemas de performance PF e LF, sendo cada um desses, formados por objetos legítimos capazes de receber uma FI. A PF só interpreta traços fonológicos e a LF, traços semânticos e traços formais interpretáveis. "A condição de Interpretação Plena descarta, por exemplo, variáveis não vinculadas ou elementos sem papel temático, no nível da LF; no nível da PF rejeita símbolos sem traços fonológicos". (LOPES, 1999, p. 101)

Nesses níveis, apenas os traços que são legíveis pelo sistema devem estar presentes, determinados pelo princípio de Interpretação Plena. Se uma numeração satisfizer a FI, ela convergirá, caso contrário, fracassará.

Todo o sistema computacional é derivacional e realiza as únicas condições do *output* que são determinadas do lado de fora, na interface. As PF e LF determinam os fenômenos de som e de significação que satisfazem as condições de output. "Uma outra condição natural é que os outputs sejam formados unicamente pelas propriedades dos itens lexicais (os traços lexicais) – por outras palavras, que os níveis de interface consistam apenas em arranjos de traços lexicais e nada mais." (CHOMSKY, 1995, p. 313)

Chomsky sugere que a especificidade da linguagem surge na natureza dos procedimentos computacionais e nos traços formais - morfológicos do léxico.

Devido ao princípio de economia máxima, no Programa Minimalista, o movimento de traços dá-se apenas por necessidade, descartando todo o movimento que não seja necessário para que a estrutura alcance as interfaces.

A propriedade do sistema computacional evidencia o fato dos objetos linguísticos aparecerem no *output* sensorial em posições deslocadas das interpretadas. É assim, por exemplo, que é tratada a regência e a concordância.

Queremos determinar por que é que a linguagem tem esta propriedade e como é que ela é realizada. Queremos descobrir o grau de satisfação atingido pelas condições que determinam esta propriedade crucial da linguagem, esperando que a resposta seja "as

condições são satisfeitas tão bem quanto possível.” (CHOMSKY, 1995, p. 310)

A especificidade da linguagem surge na natureza dos procedimentos computacionais C_{HL} e nos traços formais - morfológicos do léxico. Traços que vêm explicar a noção de parâmetros de variação. Como também podem surgir nas propriedades de condições de *output* básicas e na natureza conceitual dos princípios universais.

Assim, os filtros foram motivados pelo fato de ser possível, através de simples condições de *output*, limitar consideravelmente a variedade e a complexidade das regras transformacionais, facilitando os esforços de reduzir essas regras apenas a Mover α , e contribuindo deste modo para o objetivo da adequação explicativa. (op. cit., p. 312)

Devemos ressaltar que, em termos de economia, a comparação das derivações pode dar-se a partir apenas de uma mesma numeração computacional. A partir desta é que se forma o subconjunto derivacional D_C das derivações convergentes.

Em termos bastante gerais, a junção do léxico com um componente computacional é que permite a realização do componente cognitivo que armazena informações semânticas, fonéticas e sintáticas, operando derivacionalmente.

Dado um conjunto de palavras aleatoriamente escolhidas no léxico, formando o que Chomsky chama de Numeração, seus itens dão entrada no sistema computacional, que trabalha com duas operações básicas: uma que agrega elementos e outra que os move, formando expressões lingüísticas Σ . Há um componente fonológico – um subsistema do sistema computacional – que mapeia Σ para π (o nível de representação em PF) e um componente encoberto (*covert*) que continua a computação após a entrada da informação para o componente fonológico, ou seja, daquilo que fica como resíduo em Σ , até LF. (LOPES, 1999, p. 89)

O sistema computacional é derivacional e realiza as únicas condições do *output* que são determinadas do lado de fora, na interface. As PF e LF determinam os fenômenos de som, significação e organização estrutural que satisfazem as condições de *output*. Outra condição natural é que os *outputs* sejam formados apenas pelas propriedades dos itens lexicais e que os níveis de interface consistam unicamente em arranjos de traços e nada mais. Assim, só participam da Gramática

Universal (Universal Grammar - UG) os elementos que funcionam nos níveis de interface, nada mais pode ser visto no decurso das computações.

Todo o processo computacional tem início com o léxico, em uma operação que alimenta o sistema, o que promove o desenvolvimento derivacional. Se se realiza algum movimento na numeração de uma dada Língua L particular, isso se dá antes da estrutura chegar à PF. É quando o sistema se bifurca e uma parte da estrutura chega à *Spell-out* para a interpretação semântica em LF. A UG, dessa forma, determina os princípios universais e as possibilidades de variação possível, a partir de um traço em uma dada categoria, determinando as propriedades das Descrições Estruturais (DE) e dos símbolos que as compõem.

Cada DE é um complexo de propriedades semânticas e fonéticas que são a expressão da língua (I)nterna. A teoria de uma língua particular é sua gramática. A UG é a teoria do estado inicial S_0 , da língua. Podemos considerar que cada DE é um complexo de interações para estes sistemas de performance, fornecendo informações relevantes para seu funcionamento, uma vez que as línguas particulares se baseiam em princípios simples que entram em interação para formar estruturas complexas.

A língua é formada pelo léxico e um sistema computacional. O primeiro especifica os itens que participam nas operações do sistema computacional, com suas propriedades idiossincráticas. O segundo usa estes elementos para gerar derivações e DEs. Quanto à variação, ela se dá sempre no campo do “visível”, por isso, a variação dá-se nas matrizes fonológicas e lexicais. A variação limita-se às partes não substantivas do léxico e às propriedades gerais dos itens lexicais. Sendo assim, há apenas um único sistema computacional e um só léxico, à parte este tipo limitado de variedade.

Os princípios invariantes determinam aquilo que conta como uma derivação possível e um objeto derivado possível (expressão linguística, DE). Dada uma língua, estes princípios determinam um conjunto específico de derivações e de DEs geradas, em que cada DE é um par (π, λ) . Dizemos que uma derivação D *converge* se produz uma DE legítima, e que *fracassa* se não produz uma DE legítima; D *converge* em PF se π for legítimo, e *fracassa em PF* se π não for legítimo; D *converge em LF* se λ for legítimo, e *fracassa em LF* se λ não for legítimo. (CHOMSKY, 1995, p. 248)

Dessa forma, uma derivação converge se convergir em PF e LF, determinada pelos níveis de interface. A UG tem de providenciar um meio de apresentar uma série de itens lexicais numa forma acessível ao sistema computacional tomando como *input* representações com uma determinada forma.

A entrada lexical de qualquer palavra representa de forma ótima os sistemas de interface PF e LF. Essa entrada tem que ser suficiente para determinar a categoria a que pertence, talvez através de um registro explícito. Os traços que se encontram associados ao léxico podem ser: a) escolhidos arbitrariamente no momento em que este entra na numeração; b) ou podem ser o resultado de operações de formação de palavras.

Acreditamos ser justamente essa associação arbitrária dos traços lexicais no momento da entrada do item lexical na numeração que permite, por exemplo, que frases como *eu leio o livro amanhã* sejam possíveis em Português Brasileiro, mas **eu odeio Maria, amanhã*, não, mesmo obedecendo a estrutura idêntica com sujeito, predicado verbal, objeto e adjunto. Todavia, os traços semânticos dos dois advérbios atuam diferentemente na entrada do adjunto na numeração. Esta não obedece à noção de FI e não converge, realizando uma frase agramatical. Aquela realiza uma frase que obedece, e tem sua interpretação aceitável.

Nossa hipótese é que no momento da inserção lexical na numeração, os traços de concordância são escolhidos e manifestados. Assim, a computação tem que ter a seu dispor as informações necessárias para permitir a manifestação das PF e LF, no momento em que o item é introduzido na numeração. Por isso, há possibilidade de leitura aspectual de sentenças com verbos no presente, mas com adjunto de tempo futuro:

10)

- a) João escreve a carta, amanhã.
- b) *Eu simpatizo com você, amanhã.⁴

Acreditamos que, em sentenças como estas acima, os traços de concordância com o futuro estão realizados e presentes na numeração, apenas não estão disponíveis na cadeia visível, uma vez que, seguindo os preceitos de economia máxima, o futuro já está marcado na numeração com a presença do

⁴ Todos os exemplos utilizados nessa dissertação são de nossa autoria e foram testados informalmente com outros falantes nativos do PB.

advérbio, o que seria um traço redundante. Porém, as frases como (10b) não admitem tal construção por haver uma incompatibilidade de traços semânticos dos elementos da numeração.⁵

Logo, as computações que extraem da entrada lexical as informações necessárias para garantir a FI, tornam possível que esse fenômeno se realize dentro de um pressuposto minimalista ótimo, uma vez que fornece a PF e a LF para a realização da numeração.

1.2.1 O léxico minimalista

Chomsky (1995) assume que a arquitetura da linguagem providencia uma variedade de sistemas simbólicos que fornece informações sobre cada expressão linguística, incluindo os níveis PF e LF, o que obriga qualquer teoria da linguagem a captar o fato de que qualquer indivíduo que possui uma língua tem acesso detalhado às informações da mesma. “Assim, qualquer teoria da linguagem tem de conter um léxico, qualquer que seja seu formato” (CHOMSKY, 1995, p. 70). E esse léxico, portanto, deve possuir propriedades inerentes que indiquem os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, uma vez que qualquer pessoa que domine uma língua seja capaz de intuir naturalmente sobre estas propriedades.

As propriedades de seleção s(emântica) e temáticas dos núcleos lexicais (verbos, nomes, adjetivos, e pré- ou posposições) apresentam um interesse particular para esta discussão. Estas propriedades especificam a “estrutura argumental” de um núcleo, indicando quantos argumentos o núcleo licencia e que funções semânticas cada um deles recebe. (op. cit., p. 70)

Há uma estreita ligação entre as posições do argumento na sentença e as funções- θ atribuídas. Nesse raciocínio, a subcategorização é praticamente uma consequência da especificação das funções temáticas. Em outras palavras, um verbo deve atribuir uma função temática a seus complementos, caso contrário, não pode tomá-lo como tal.

⁵ Tal discussão será retomada mais adiante com base no Léxico Gerativo de Pustejovsky (1998) para explicar as realizações dessas incompatibilidades semânticas dos traços lexicais.

Em relação ao verbo e seu argumento, para receber uma determinada função- θ , os traços semânticos inerentes de um argumento não podem ser divergentes com essa mesma função- θ . Pelo contrário, de acordo com Chomsky (1995, p. 71) “para receber uma função- θ particular, os traços semânticos inerentes de um argumento têm de ser compatíveis com essa mesma função- θ .”

O léxico especifica os itens que entram no sistema computacional, caracterizando-se por suas propriedades inerentes. As configurações sintagmáticas que têm suas propriedades computadas a partir das propriedades dos elementos que as formam são objetos de transformações.

A entrada lexical indica que a palavra possui um traço categorial [N] que deve indicar o Caso e os traços- ϕ . Essa entrada deve especificar igualmente propriedades fonéticas e semânticas universais ou de uma língua L.

Não há nada de intrínseco na entrada lexical que nos diga que uma ocorrência da palavra seja singular ou plural, nominativa ou acusativa. “Entendo o léxico num sentido bem tradicional: como um repositório de “exceções”, aquilo que não é consequência de princípios gerais.” (CHOMSKY, 1995, p. 326)

Ao se inserir um determinado item lexical em uma numeração pela operação Selecionar, os traços particulares de ocorrência dessa palavra reduzem os conjuntos de referência, e também os problemas de computabilidade. Assim, é que é realizada a flexão de um termo num conjunto como gato, na sentença *O gato miou*, sendo acrescentado à palavra *gato* os traços de Caso e os traços- ϕ no momento em que ele é selecionado para a numeração.

É a escolha de traços semânticos do léxico na entrada na numeração que permite, por exemplo, que frases como *eu volto amanhã* sejam possíveis em PB, mas **eu caio amanhã*, não, mesmo obedecendo à mesma estrutura, com sujeito, predicado verbal e adjunto. Porém, a natureza semântica dos verbos e advérbios atua de forma diferente na entrada do adjunto na numeração. Na primeira, realiza uma frase que obedece a noção de FI, com sua interpretação aceitável. Já a segunda não converge e realiza uma frase agramatical.⁶

Os traços de tempo são escolhidos e manifestados na altura da inserção lexical na numeração. Dessa forma, a informação necessária para permitir a manifestação das PF e LF tem de estar à disposição da computação no momento

⁶ Fizemos aqui uma análise superficial que será retomada a partir da Teoria do Léxico Gerativo no capítulo III desta dissertação.

em que o item é introduzido na numeração, por isso existe a possibilidade de leitura aspectual em sentenças com adjunto de tempo futuro, como *amanhã*, mesmo com o verbo realizando-se no presente:

11) João faz compras amanhã.

Aceitando que os traços de tempo, necessários para a leitura de futuro do verbo, estão realizados, mas não na cadeia visível, não nos causa nenhum problema na interpretação, uma vez que a entrada lexical do adjunto adverbial *amanhã* confere a manifestação do traço [+tempo]. “Concretamente, vou pressupor que o tempo e os traços- ϕ dos verbos são escolhidos opcionalmente na altura em que o item entra na numeração, sendo a sua conformidade verificada posteriormente através de outras operações.” (CHOMSKY, 1995, p. 330)

Isso é o que possibilita o apagamento, na cadeia visível, dos traços de conferência de tempo futuro ao verbo, o que é uma marca redundante, uma vez que esse mesmo traço é evidenciado com a inserção do Operador Aspectual. Ou seja, quando nos deparamos com sentenças do tipo *João fará compras amanhã*, temos uma redundância de marcas de tempo: uma na flexão do verbo e outra no aspecto semântico do adjunto. Assim, o que acontece com *João faz compras amanhã*, é o apagamento do traço redundante de futuro no verbo.

1.3 A TEORIA DO LÉXICO GERATIVO

Buscando atender à necessidade de uma teoria que responda à demanda de como se estrutura o léxico, Pustejovsky (1998) propõe a Teoria do Léxico Gerativo. Ele discute como a introdução de uma palavra carregada de significação pode especificar os termos que sintagmaticamente compõem a frase.

Ele dá o exemplo do item lexical “lend”⁷ que inserido em uma numeração requer uma instituição financeira como sujeito, havendo uma especificação anterior dos possíveis argumentos desse verbo, ao momento da enunciação.

O SEL (Sense Enumeration Lexicon) introduz a noção de co-especificação. A palavra, carregada de um significado, especifica os termos que sintagmaticamente

⁷ No português podemos ter ‘financiar’.

podem compor uma frase. “A lexicon L is a *Sense Enumeration Lexicon* if and only if for every Word w in L , having multiple senses $s_1 \dots s_n$ associated with that word, then lexical entries expressing these senses are stored as $\{w_{s_1}, \dots, w_{s_n}\}$.” (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 34)

Pustejovsky (1998) busca explicar a natureza polissêmica da linguagem. Defende que o léxico possui a natureza de desambiguidade⁸, o que permite que frases, mesmo com sentidos ambíguos, possam ser naturalmente compreendidas, uma vez que as demais palavras da frase não deixariam dúvidas sobre qual o significado da palavra. Como no exemplo seguinte que temos ao menos três palavras polissêmicas, mas por estarem inseridas em uma numeração e participarem de uma co-composição, suas significações não causam problemas: *O meu cheque foi pago no caixa do banco.*

A polissemia, assim, ficaria a critério do contexto e dos termos vocabulares que o acompanham. Podemos até dizer que as palavras não têm significados nucleares em si mesmas e dependem dos demais termos presentes na sentença “How words can take on an infinite number of meanings in novel contexts. This is not an argument from an “infinite polysemy” position but from regular sense alternations that are as systematic as transformational regularities in the syntax.” (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 42)

Ao analisar a inserção semântica do léxico na teoria de Pustejovsky, Farias (2005, p. 228) faz algumas observações sobre a eminência composicional do léxico:

Por ser sua Semântica lexical, eminentemente composicional, por isso mesmo as palavras não têm um sentido atômico, no âmbito dessa perspectiva, a atenção não é dada aos papéis temáticos apenas licenciados pelo verbo, mas sim pela combinação deste com outros núcleos predicadores na sentença, de modo que possam ser explicados os processos gerativos de sentidos pela aplicação do princípio de composicionalidade e agrupados em famílias como a sinonímia, a antonímia, a hiponímia e herança lexical, a metonímia, o acarretamento e a pressuposição.

É justamente esse conceito de composicionalidade que utilizaremos para explicar a leitura aspectual permitida no PB com a presença de um verbo no presente e um advérbio que indique futuro. Uma vez que, mesmo o Operador Aspectual não sendo licenciado pelo verbo como seu argumento, sua combinação

⁸ No original inglês: disambiguation.

com os demais itens do predicado possibilita-nos uma leitura aspectual de toda a sentença, pois o princípio de desambiguidade não deixa dúvidas de que toda a construção está no futuro, apesar de o verbo não estar flexionado, como podemos ver novamente nesse exemplo:

12) Maria chega amanhã.

Pustejovsky (1998) define o Léxico Gerativo como um sistema computacional, com estrutura em quatro níveis de representação: a) Estrutura Argumental (Argument Structure), b) Estrutura de Evento (Event Structure), c) Estrutura qualia (quale Structure) e d) Estrutura de Herança Lexical (Lexical Inheritance Structure).

É a interação dessas estruturas entre si que permite a interpretação dos itens lexicais em seus determinados contextos, autorizando a leitura como derivados de um paradigma léxico-conceptual.

Essa discussão sobre o Léxico Gerativo será abordado de forma mais ampla no capítulo seguinte, destinado à análise do problema.

2 TEMPO E ASPECTO

Veremos agora algumas considerações existentes sobre as realizações de tempo e aspecto. Utilizamos o Castilho (1968) para descrever as possibilidades aspectuais no português do Brasil que se classificam de acordo com a sua perfectividade. E discutimos, a partir de Demirdache & Etxebarria (2004), a estrutura sintática do tempo, que obedecendo aos princípios da teoria gerativa projetam-se em árvore de acordo as relações de especificação e complementização.

2.1 ASPECTO

Em termos gerais, o **aspecto** se diferencia do **tempo** por não se limitar à gramaticalidade⁹ da flexão verbal, e poder ter seu sentido alterado pela organização do conjunto de itens lexicais dentro do sintagma.

O Tempo é concebido como uma ordenação linear de unidades temporais atômicas (instantes) ou densas (intervalos) que se podem suceder ou sobrepor, já o Aspecto permite olhar para sua estrutura interna perspectivando as situações a partir do seu interior, sendo portanto subatômico. (OLIVEIRA, 1997, p. 129)

O aspecto é uma categoria léxico-sintática, pois se caracteriza naturalmente pela interação entre os sentidos oriundos da raiz dos verbos e dos sentidos extraídos dos demais elementos sintáticos, como adjuntos, complementos e orações. Naturalmente, podemos dizer que a leitura aspectual não é uma característica intrínseca do verbo, mas das relações que este alimenta com os demais itens do predicado. Conforme nos diz Castilho (1968, p. 14, **negrito nosso**):

*O aspecto é a visão objetiva da **relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento**. É, pois, a representação espacial do processo. Esta definição, baseada na observação dos fatos, atende à realidade etimológica da palavra*

⁹ Gramaticalidade é compreendida aqui como as relações sintáticas e flexionais dos elementos linguísticos, não devendo ser confundida como conjunto de regras naturais da língua, como utilizado outrora nesta dissertação.

"aspecto" (que encerra a raiz * *spek* = "ver") e insiste na objetividade característica da noção aspectual, a que contrapomos a subjetividade da noção temporal.

Dessa forma, podemos explicar a leitura aspectual permitida com verbos no presente, mas com Operador Aspectual de futuro, pois o aspecto é resultado da relação entre o processo realizado pelo o verbo e os demais itens do predicado, conforme poderemos ver abaixo.

2.1.1 O aspecto no português

De acordo com Castilho (1968), as relações aspectuais do PB podem ser classificadas como perfectivas, imperfectivas, iterativas e indeterminadas que detêm valor de **complemento, duração, repetição e neutralidade**, respectivamente.

O aspecto será perfectivo se se tratar de uma ação cumprida, contrária à noção de duração; imperfectivo se o verbo indicar uma duração determinada; iterativo quando se trata da repetição da ação; e indeterminado se nada disso acontecer, ou seja, se caracterizará pela ausência da categoria aspectual.

“O sistema verbal, porém, é mais complexo, permitindo que mais de uma modalidade da mesma categoria possa ocorrer em determinada forma.” (CASTILHO, 1968, p. 19) Assim sendo, mais de uma modalidade aspectual pode ocorrer simultaneamente, sem provocar problemas de compreensão. Veremos nas classificações abaixo, como se realiza cada uma das modalidades aspectuais e, como em algumas situações, elas podem se integrar.

2.1.1.1 Aspecto imperfectivo

Considerando as categorias aspectuais, dizemos que o aspecto imperfectivo apresenta três matizes: o inceptivo, o cursivo e o terminativo.

O *imperfectivo inceptivo* é a ação da qual se conhece claramente os primeiros momentos. É subdividido entre o *inceptivo propriamente dito* – começo da ação pura e simples – que “pode ser expresso pelo SEMANTEMA dos seguintes verbos *começar, iniciar, principiar*; como o aspecto decorre do semantema, não

importa o tempo ou forma nominal em que venha conjugado o verbo.” (CASTILHO, 1968, p. 62); E *inceptivo incoativo* que revela começo de uma ação e consequente mudança de estado.

Além das características semânticas específicas dos verbos, o aspecto inceptivo propriamente dito pode ser visto a partir da presença de um adjunto adverbial ou de outros elementos do predicado que restrinjam a leitura:

13)

- a) João amou Maria *desde o primeiro dia em que a viu*.
- b) João viu a Maria *agora*.
- c) João *sai* de casa *amanhã*.

O que acontece com esses exemplos é uma modificação aspectual por intermédio do predicado, que evidenciam a origem da ação. Em (13a) *desde o primeiro dia*, limita a ação exercida por João ao amar Maria; e em (13b) o advérbio *agora* localiza temporalmente o momento em que João vê a Maria. É o que acontece também com (13c) que tem a leitura aspectual autorizada a partir do advérbio *amanhã* que modifica e localiza o início da ação do verbo *sair*.

O *inceptivo incoativo* revela começo de uma ação e consequente mudança de estado. É o que acontece, por exemplo, com os verbos *empalidecer*, *emagrecer*, *anoitecer*, terminados com a desinência *-ecer*, que sugere uma ação e uma mudança de estado que resulta desta ação. Esse é um caso aspectual estritamente morfológico, uma vez que as demais vertentes do aspecto, tais como adjunção, flexão e complementos, não ocorrem neste caso (Cf. CASTILHO, 1968).

O *aspecto imperfectivo cursivo*, por outro lado, se caracteriza como a ação que não se conhece seu início nem seu fim, mas o desenvolvimento do processo. A cursividade pode dar-se de modo propriamente dito ou de forma progressiva, diferindo um do outro pelo desenvolvimento gradual do processo. Verbos como *procurar*, *prosseguir*, *andar* e *falar*, através de seu semantema já expressam um aspecto cursivo propriamente dito, independente do tempo verbal, pois encerram em si um processo, do qual não nos interessa o início ou o fim.

Também podem ser conferidos a partir de elementos externos ao verbo, como a repetição vocabular do próprio verbo que pode ou não, ser intercalada pela conjunção:

14)

- a) Maria esperou, esperou que ele voltasse.
- b) João andou que andou até chegar em casa.

É evidente como a repetição vocabular interfere na leitura aspectual, prolongando a ação. O adjunto adverbial e as conjunções também tem essa função. Eles podem aumentar ou encurtar a duração da ação. Vejamos:

15)

- a) João *sempre* temeu o ridículo.
- b) Maria arruma o quarto *depois*.
- c) *Enquanto isso*, João espera com paciência.
- d) João trabalha *desde que* se formou.

Nos quatro exemplos exatamente acima, é notável como a presença dos advérbios ou das conjunções modificam a possibilidade aspectual prolongando ou restringindo a ação, embora não tenha em nenhum dos exemplos referência ao início ou fim da mesma, ou seja, o que fica evidente é a cursividade dessas ações. Observemos particularmente o exemplo (15b) que, apesar de não ter o início ou fim da ação determinadas, percebemos que esta se localiza em um tempo futuro, mesmo o verbo estando no presente, o que acontece porque o advérbio tem a capacidade de, através de sua relação com os demais elementos presentes da sentença, estabelecer uma leitura aspectual.

O aspecto cursivo também pode ser realizado através da flexão verbal:

16)

- a) Vai João, salva o mundo que se *perde*.
- b) João se *despedia*, ia morar fora da cidade.

É lógico que verbos do tipo *perder*, *retirar*, *chegar* exercem ações que se cumprem tão logo sejam iniciadas, mas em (16a) essa ação foi dilatada a partir de sua conjugação na forma presente, e sua leitura aspectual não é mais momentânea. De modo semelhante, a forma imperfeita de (16b) também revela uma leitura aspectual centrada no processo e não no início ou fim de sua ação, o que mudaria se o verbo estivesse conjugado no perfeito: João se *despediu*, ia morar fora da cidade.

Por sua vez, o aspecto *cursivo progressivo* releva uma ação gradativa. “Esse aspecto indica uma duração que importa numa aceleração ou gradação do processo.” (CASTILHO, 1968, p. 76). Também pode ser expresso por particularidades semânticas do verbo como *estreitar, aumentar, diminuir, etc.*, pois seus semantemas já revelam uma progressividade na ação. Ou por elementos sintáticos (como o adjunto adverbial) ou morfológicos (como a flexão verbal):

17)

- a) A luz do sol *invadia* a superfície do mar.
- b) João, *pouco a pouco*, se torna um bem sucedido empresário.
- c) João briga *sucessivamente* com os colegas

O que vemos em (17a) é que o imperfeito proporciona a progressão de uma ação que não aconteceria se o verbo estivesse em outro tempo verbal. Em (17b), assim como em (17c), o adjunto autoriza uma leitura aspectual cursiva ao conferir uma gradação à ação realizada pelo verbo. É interessante observar que esta gradação não está encerrada; é algo que se inicia no passado – não sendo precisado o tempo – e que se estende até um momento futuro.

Já o *aspecto imperfectivo terminativo* se configura por se conhecer o fim do processo após a ação ter durado um tempo. Pode ser expresso por meio de semantemas do verbo (terminar, acabar, concluir, etc.), bem como de adjuntos adverbiais:

18)

- a) João revelou o segredo, *até aquela data* escondido.
- b) João *prosseguiu andando*, até o encontrar.

O *aspecto imperfectivo terminativo* está ilustrado em (18) por meio do advérbio *até* que encerra um processo aparentemente longo, mostrando o seu fim.

O imperfeito, como até agora vimos, se configura pela duração de um processo, que se altera em sua classificação de acordo com o início (incoativo), e o fim (terminativo) desse processo, que pode ser realizado através dos semantemas verbais ou de outros elementos sintáticos, em especial, do adjunto adverbial.

2.1.1.2 Aspecto perfectivo

A noção peculiar do aspecto perfectivo depende da indicação de tempo do começo e do fim do processo, pólos separados por um curto período de tempo não significativo. O perfectivo pode ser dividido em três tipos: a) perfectivo pontual, que é o perfectivo por excelência, pois suas marcas de início e fim da ação são simultâneas; b) perfectivo resultativo, que indica o resultado consequente ao fim da ação; e c) perfectivo cessativo, depreendendo-se dos sentidos de negação expressos pela ação do verbo que se reportam ao tempo presente.

O perfectivo pontual pode ser expresso por meio da terminação verbal, de adjuntos adverbiais, ou de outros elementos do predicado, sua relação com o tempo revela um aspecto simultâneo.

O aspecto perfectivo pontual indica o processo que é acabado tão logo começado. Do ponto de vista lógico não há processo sem duração, ainda que breve. De ponto de vista linguístico só conta a duração quando expressiva, considerando-se pontuais aqueles processos em que a duração é irrelevante. (CASTILHO, 1968, p. 81)

Dessa forma, podemos ver os exemplos:

19)

- a) João partiu para o interior.
- b) João apagou a luz.
- c) João imediatamente sentiu uma dor na cabeça.

O que acontece é que em (19a) e (19b) a flexão verbal, por localizar a ação temporal no perfeito, já a encerra tão logo se inicie, não havendo, contrariamente ao aspecto imperfectivo um processo duradouro. Por outro lado (19c), tem seu aspecto pontual reforçado pela presença do advérbio, pois inicialmente o verbo sentir autoriza um processo, mas neste caso é interrompido pela presença do advérbio *imediatamente* que localiza a *dor na cabeça* em um instante. Neste caso aqui, a leitura aspectual em função do futuro por intermédio de Operador Aspectual não é permitido, uma vez que o perfectivo pontual é imediato e não prolonga a ação para um tempo posterior: **João imediatamente sentiu uma dor na cabeça amanhã.*

“Quando o completamento total da ação implica num resultado que decorre desse completamento, temos o aspecto perfectivo resultativo.” (CASTILHO, 1968, p. 86). Ou seja, o foco deste aspecto é o resultado final do processo. É principalmente evidenciado a partir do particípio passado, embora também possa se realizar através do advérbio de tempo *já*. Pode ser conferido a partir da aplicação do particípio *estar* + *resultado da ação*.

20)

- a) Eu *tenho* a lição *copiada*.
- b) *Tenho escolhido* meus representantes.
- c) Você *já* fez o que tinha que fazer.

Em (20a) o uso do particípio passado nos transmite a informação de uma ação já realizada, da qual o processo não importa, pois a informação localiza o resultado, ou seja, a *lição está copiada*. De modo semelhante, em (20b) o particípio encerra uma ação iniciada no passado: *os representantes estão escolhidos*. É o mesmo que acontece com (20c) a partir do advérbio *já*, revelando *que o que tinha que fazer, já está feito*.

A noção cessativa do aspecto perfectivo se dá por uma noção de acabamento total de uma ideia. Geralmente, esse sentido de acabamento se dá por meio da negação, em que se nega a ação anterior, para se mostrar que ela realmente está encerrada:

21)

- a) O povo *sofreu* com o governo militar.
- b) Essa casa *pertenceu* a meu avô.
- c) O nordeste *esteve invadido* pelos holandeses.

A ideia cessativa não está presente no semantema do verbo, mas naturalmente é percebida através da sua conjugação, seja na forma simples ou composta. Vemos nas três sentenças de (21) que as ações resultantes de processos foram totalmente encerradas; e essa percepção torna-se clara através da negação da ação anterior. Ora, se dizemos que *o povo sofreu com o governo militar*, também dizemos que o povo deixou de sofrer, não mais existe esse governo. É o que

acontece com (21b) e (21c), pois se a casa *pertenceu*, não pertence mais; e se o *nordeste esteve invadido pelos holandeses*, hoje não está mais.

2.1.1.3 Aspecto iterativo

Por sua vez, a noção de aspecto iterativo se dá pela repetição da ação que, na verdade, pode ser vista como um coletivo de ações, sejam pontuais (iterativo perfectivo), ou sejam durativas (iterativo imperfectivo). Trata-se de um intermediário entre os aspectos perfectivo e imperfectivo. “Compreendemos o iterativo como um aspecto intermediário, situado como está entre os dois primeiros, pois indica a repetição da ação, quer imperfeita, quer perfeita”. (CASTILHO, 1968, p 54)

O iterativo imperfectivo se caracteriza pela reiteração de uma ação, de tal modo que pode ser considerado um hábito comum. Verbos como *habituarse*, *acostumar-se* revelam essa iteratividade a partir de seus semantemas:

22)

- a) João *acostumou-se* a acordar cedo e levantar tarde.
- b) Eu sei que *falam* de mim.
- c) Mesmo sendo estudante, João *trabalhava* todos os dias.
- d) Eu quero saber *o que tens feito*.
- e) João *sempre trazia* um livro novo.

A iteratividade imperfectiva que podemos ver nesses exemplos acontece de diferentes modos: a partir do semantema do verbo (22a) em que por si só já revela um costume reiterado; do pretérito perfeito (22b) que também pode revelar esse aspecto iterativo; do imperfeito (22c); do particípio passado (22d); e do adjunto adverbial (22e) que modifica a semântica do verbo a fim de garantir-lhe uma continuidade.

O iterativo perfectivo se diferencia do imperfectivo por ser pontual, ou seja, as ações que são reiteradas têm início e fim simultâneos, diferente da imperfectividade que permite um processo. Afinal, se considerarmos qualquer um dos exemplos de (22), veremos que há processos inclusos nessa iteratividade; *falar*, por exemplo, necessita de um certo tempo, assim como fazer, trazer, trabalhar, etc.

O aspecto iterativo perfectivo pode se realizar através da flexão verbal, da repetição do tempo presente, da sufixação verbal ou da presença de um adjunto:

23)

- a) João *sai* de casa e a mãe nem o vê.
- b) João *respondia* corretamente às perguntas da professora.
- c) Quando *entra* em casa, João *tira* logo os sapatos.
- d) João *sempre acerta* a resposta.

O que vemos nos exemplos de (23) são os diferentes modos que temos de utilizar o iterativo perfectivo. Em (23a), a simples flexão do verbo *sair* já é suficiente para marcar o aspecto; em (23b), o aspecto iterativo perfectivo também é evidenciado pela terminação verbal, neste caso, no imperfeito; no exemplo (23c) é a repetição de verbos no presente que garante a iteratividade aspectual perfectiva; em (23d) fica a cargo do adjunto adverbial a iteratividade.

2.1.1.4 Aspecto indeterminado

O aspecto indeterminado, por sua vez, se caracteriza por exclusão, pois não é perfectivo nem imperfectivo, além de ignorar a expressão de tempo e de aspecto. Podemos dizer que ele se caracteriza pela ausência de aspecto (e tempo), ou pelo aspecto zero, pois encerra uma ação de modo vago, impreciso e onitemporal. “A intenção do falante ao servir-se desse aspecto é a de apresentar apenas a noção expressa pelo verbo, sem cuidar de sua duração, completamento ou repetição, ou mesmo do momento em que deva dar-se”. (CASTILHO, 1968, p.103)

O aspecto indeterminado se realiza por meio do presente gnômico que acontece a partir das afirmações gerais, das verdades eternas, dos ditados e truísmos e/ou assinala a habilidade e a capacidade de cometer a ação:

24)

- a) O dia *tem* 24 horas.
- b) *Quem dá o que tem a pedir vem*.
- c) *Quem morreu, morreu*.

Observemos que na primeira frase de (24) trata-se de uma verdade universal, e que não pode ser analisada à luz de uma localização temporal ou aspectual; da mesma forma, o provérbio popular de (24b) autoriza um processo vago, impreciso, quanto ao aspecto. E a ação realizada em (24c) a partir da repetição do verbo torna a sentença impessoal e onitemporal, não podendo ser localizada em nenhum tempo específico, mas perpassando-o.

O que podemos perceber até agora é que o aspecto não depende necessariamente dos elementos morfológicos da flexão verbal e se realiza independente do tempo verbal. O aspecto pode ser modificado e conferido a partir dos demais itens do predicado, como complementos, adjuntos adverbiais e repetições de alguns elementos. Por isso se dão em PB, como algo completamente aceitável, as construções com verbo no presente, mas acompanhadas de advérbio de futuro.

A leitura aspectual em função do futuro a partir da interferência de um advérbio é permitida nas categorias aspectuais *imperfectivo inceptivo propriamente dito*, que aceita naturalmente a presença de advérbios de futuro, como amanhã, mesmo com verbos no presente; *aspecto imperfectivo cursivo propriamente dito* que aceita a leitura aspectual em função de futuro se o advérbio não limitar temporalmente a ação, como *depois, em outro momento, etc.*; e *imperfectivo cursivo progressivo* que podemos considerar como aspecto de futuro, se aceitarmos que uma sucessão de ações iniciadas no passado perduram até um futuro não delimitado, é o que acontece a partir dos advérbios *sucessivamente e consecutivamente*.

2.1.1.5 Aspecto télico e atélico

As ações podem ser subdivididas quanto à finalidade, exprimindo uma ação que tende para um fim, sem o qual essa ação não se realiza; ou uma ação focada no processo, do qual não se exige um objeto final para sua existência. São os chamados verbos télicos e verbos atélicos, respectivamente.

Castilho (1968) postula que a telicidade diz respeito ao resultado final da ação, se tem um fim será télico, se não, atélico. No entanto, o fim é tido como a

duração do processo e não como algo resultante da ação. A telicidade, dessa forma, está mais próxima da duração que do completamento aspectual.

Quando dizemos que *João trabalha*, eu tenho um verbo atélico, pois não há um fim temporal específico, ficando mais evidente o processo verbal, pois cada fragmento da ação de trabalhar também é trabalhar sem o qual não se dá ação; mas quando digo *João tossiu*, há sim, um tempo específico que revela o processo e duração da ação simultaneamente, portanto é télico. Ou como nos diz Castilho (1968, p. 56):

Notamos dois tipos de semantemas, uns a exprimirem ação tendente a um fim, sem o qual essa ação não se dá, outros figurando o processo em sua duração da qual não se exige completamento para admitir-lhe a existência. Aos primeiros chamamos "téllicos" (*matar, morrer, cair, engolir, atirar, descobrir, iluminar, mergulhar, rejeitar, etc.*) e aos segundos, mais numerosos, "atélicos" (*mastigar, viver, escrever, acompanhar, dormir, andar, aturar, aumentar, chover, contemplar, escutar, pensar, ir, etc.*).

No entanto, o aspecto nem sempre é expresso através de morfemas e flexões verbais. O aspecto pode ocorrer independentemente do tempo gramatical expresso, apesar dessas informações aspectuais distribuírem-se principalmente por afixos e construções auxiliares e semi-auxiliares.

O advérbio é um exemplo disso. Como já vimos em sentenças anteriores, a leitura aspectual de uma frase pode ser facilmente modificada pela presença de um adjunto adverbial que funcione como Operador Aspectual, possibilitando-nos a leitura de sentenças do tipo *Eu apresento o trabalho amanhã*.

A telicidade, da mesma forma, não é privilégio semântico do verbo, ele pode ser conferido através de demais elementos presentes no predicado:

25)

- a) *Tenho engolido* sapos até hoje.
- b) João de repente *falou*: bom dia.

O que temos em (25) é justamente uma alteração télica, uma vez que isoladamente poderíamos dizer que *engolir* é um verbo télico, do qual se resulta um fim pontual e específico, porém em (25a), a partir do particípio passado e do advérbio *até*, nós temos o *aspecto imperfectivo terminativo* que tem o foco no *longo processo realizado*, portanto tem-se um aspecto atélico.

De outro lado, o verbo *falar* naturalmente é atélico, pois caracteriza um processo contínuo, no entanto em (25b) a partir do adjunto *de repente* esse processo é limitado e seu início e fim se tornam simultâneos, contemplando a categoria aspectual *perfectiva pontual*.

É interessante observar que dependendo dos sentidos específicos do verbo, e das relações que realizam com os demais itens do predicado, temos uma possibilidade aspectual que se realiza em função do futuro quando temos um adjunto de tempo e um verbo conjugado no presente. “O papel dos adjuntos adverbiais como provocadores da noção aspectual é semelhante ao da flexão temporal.” (CASTILHO, 1968, p. 59) Apenas para comparar, observemos as leituras aspectuais que podemos retirar das sentenças abaixo:

26)

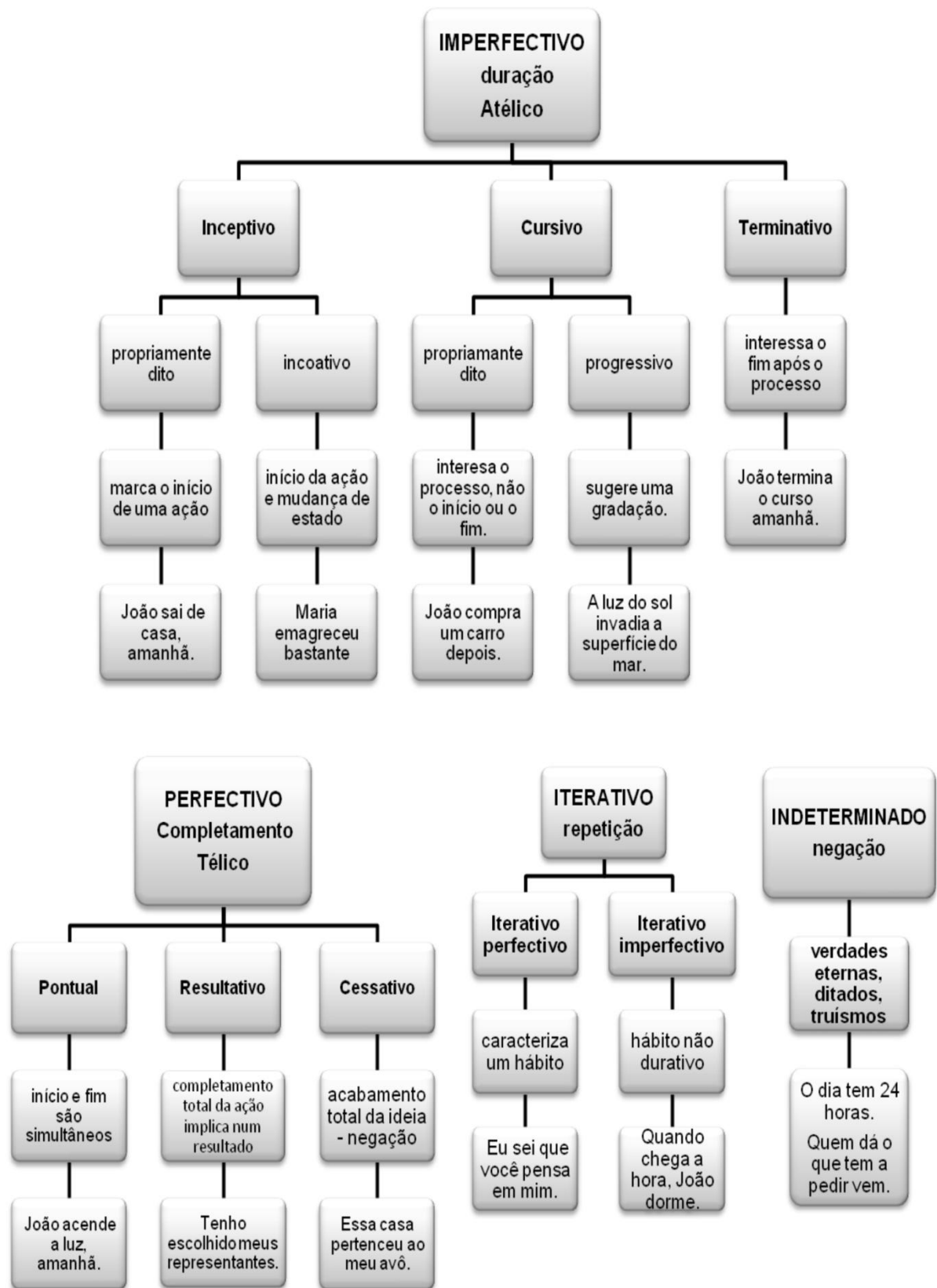
- a) João termina o trabalho, amanhã. (télico)
- b) A Maria viaja hoje à noite. (atélico)

É evidente que nesses dois exemplos temos um aspecto de futuro, embora os verbos estejam conjugados no presente. A partir das relações entre os verbos *terminar* e *viajar* e os demais elementos presentes no predicado é que podemos dizer que a ação está localizada no futuro, independente da telicidade verbal.

A telicidade não é propriedade inerente a nenhum verbo, dependendo das relações existentes entre este e os demais elementos sintáticos é que o verbo poderá ser tido como télico ou atélico, pois a duração do processo, o que caracteriza a telicidade, depende justamente dessa relação entre os termos do predicado.

Podemos dizer também, que a perfectividade tem uma relação direta com a duração télica. Em outras palavras, os verbos télicos realizam modos perfectivos seja inceptivo, cursivo, terminativo iterativo; e os verbos atélicos realizam os modos imperfectivos pontual, resultativo, cessativo e iterativo.

Gostaríamos de demonstrar nos esquemas abaixo toda a classificação aspectual que aqui realizamos a partir de Castilho (1968), mostrando justamente essas relações entre o perfectivo e o imperfectivo, o télico e o atélico:



Tentamos realizar nesta parte do trabalho a classificação das categorias de aspecto, observando a realização aspectual quanto à perfectividade e à telicidade, tentando mostrar que a leitura aspectual independe dos elementos morfológicos da flexão verbal, mas está passível da interferência de Operadores Aspectuais que possam surgir na sentença, como os adjuntos adverbiais, que modificam os sentidos dos termos inseridos na frase, podendo, inclusive, admitir uma interpretação de futuro, mesmo se o verbo estiver no presente.

2.2 A SINTAXE DO TEMPO

Demirdache & Etxebarria (2004) propõem uma análise uniforme de tempo e aspecto como predicados espaço-temporais. As autoras defendem que as relações predicativas do advérbio são da ordem espaço-temporal, estabelecendo assim, relações topológicas de inclusão, precedência ou subsequência entre as relações de tempo e aspecto do advérbio.

Dessa forma, elas propõem uma redução da gramática de tempo e aspecto do advérbio, definindo uma singular e uniforme gramática de relações temporais. Assim, a relação tempo e aspecto denota argumentos projetados na sintaxe. E os advérbios de tempo são sintática e semanticamente modificadores restritivos desses argumentos temporais.

They modify the reference of these time spans by establishing an ordering relation – inclusion, subsequence, or precedence – between the time argument of which they are predicated and the time denoted by their internal arguments. (DEMIRDACHE & URIBE-ETXEBARRIA, 2004, p. 143)

Ou seja, os advérbios de tempo são modificadores semânticos e sintáticos de Zeit Phrases¹⁰ projetadas na sintaxe como argumentos de um núcleo têmico aspectual.

Existe um paralelismo semântico e sintático entre tempo¹¹ e Aspecto. O Tempo relaciona o tempo de interação (fala/enunciação) (UT-T) ao tempo de referência: a asserção de tempo (AST-T).

¹⁰ Termo utilizado por Demirdache & Uribe-Etxebarria (1994) para fazer referência à irmandade dos elementos sintagmáticos na oração, e que conseqüentemente também se refere às relações aspectuais UT-T/AST-T/EV-T.

O Aspecto por sua vez relaciona a asserção de tempo (AST-T) ao tempo do evento (EV-T) denotado pelos complementos ou adjuntos do VP.

O tempo focalizado pelo Aspecto é a AST-T porque a asserção é direcionada ou condicionada ao tempo.

Já o aspecto focaliza o intervalo de tempo no contorno temporal do evento descrito pela sentença porque o Tempo realiza o predicado aspecto-temporal estabelecendo uma relação topológica entre a AST-T e o EV-T.

Nesse sentido, “Only the time interval focused by the Aspect is visible to semantic interpretation.” (DEMIRDACHE & URIBE-ETXEBARRIA, 2004, p.144)

Para ilustrar o conceito acima, as autoras fazem analogia à câmera fotográfica: a imagem que é focalizada pela lente da câmera seria o Aspecto, o que é focalizado na fotografia pelo observador, o que ali está visível, é a asserção de tempo (AST-T).

A noção de tempo e aspecto será sempre restritiva, sempre delimitando uma ação ou um estado dentro da realidade, distinguindo-se entre si pela forma como é feito esse recorte restritivo, tal como a lente de uma câmera que fotografa e a fotografia resultante dessa ação.

Ou seja, a noção de tempo se dará sempre entre passado, presente e futuro, mas se olharmos as possibilidades aspectuais, veremos que vão além da localização atômica do tempo, inscrevendo eventos e processos dentro dessa perspectiva temporal.

É justamente essa análise estrutural do tempo e aspecto que buscamos para explicar a modificação aspectual na sentença por intermédio de advérbios, uma vez que este tem a plena capacidade de alterar a leitura aspectual e/ou temporal de uma frase, podendo localizar o evento verbal como realização do passado ou do futuro, dependendo da relação exercida com os demais itens presentes.

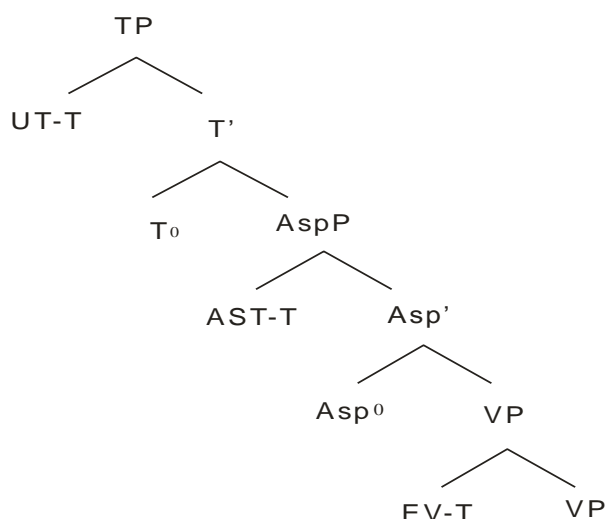
2.2.1 A estrutura de Tempo e Aspecto da oração

¹¹ Aqui, temos o tempo verbal expresso com inicial maiúscula e o tempo referencial não verbal com inicial minúscula. Fizemos isto por não encontrarmos tradução melhor para os termos Tense e time.

O Tempo tem sido observado como o núcleo da projeção máxima na construção arbórea, denotando dois argumentos. Um argumento externo que revela o tempo de referência; e o argumento interno que é o tempo do evento (EV-T).

Demirdache & Etxebarria (2004) defendem o Aspecto como um predicado diádico, denotando o tempo como argumento e projetando a estrutura do argumento temporal na sintaxe. Para ilustrar, trazemos uma construção arbórea que melhor evidencia essas relações:

27)



Logo, a proposta é que Tempo e Aspecto se reduzam ao mesmo grupo de substantivos primitivos, pois são predicados de ordem espaço-temporal. T^0 é um predicado de ordem espaço-temporal com significado de passado, presente ou futuro. Já Asp^0 é um predicado de ordem espaço-temporal que revela o aspecto perfeito, imperfeito, iterativo e indeterminado. Assim sendo, o argumento externo T^0 é o tempo de referência (geralmente o UT-T); e o argumento interno AST-T. De qualquer forma, o argumento externo Asp^0 é a referência de tempo AST-T e seu argumento interno é o tempo de evento denotado pelo VP (EV-T). Isto estabelece o paralelismo entre a sintaxe-semântica de Tempo e Aspecto.

Este modelo de análise têmico-aspectual trata de uma releitura do sistema clássico de Reichenbach (1947). Este define as relações semânticas de tempo em EV-T, REF-T e UT-T, ou como preferem algumas traduções portuguesas Momento de acontecimento (MA), Momento de referência (MR) e Momento de enunciação

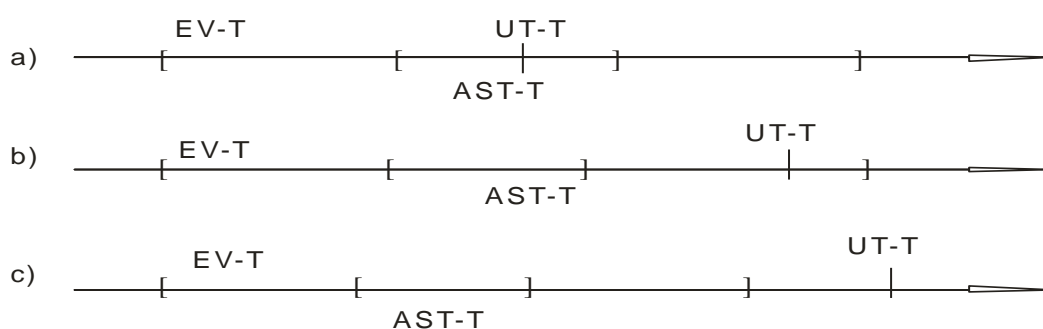
(ME) ou ainda Tempo de evento (TE), Tempo de referência (TR) e Tempo de fala (TF)¹².

Demirdache & Etxebarria (2004) vêm questionar justamente o REF- que, de acordo com o sistema reichebachiniano, não pode denotar uma subparte de outro tempo. Vejamos a partir das frases abaixo, a argumentação das autoras:

28)

- a) João estava fazendo um bolo.
- b) João está fazendo um bolo.

29)



Ao observamos o esquema acima, vemos que (29a) representa a sentença (28b), na qual o EV-T se realiza simultaneamente com AST-T, ou seja, a realização do bolo é ao mesmo tempo da asserção temporal do verbo que também se realiza junto com a UT-T. Já os esquemas (29b) e (29c) representam a sentença (28a). Observemos que a UT-T aparece depois da AST-T, mas pode não necessariamente vir depois do evento, podendo, os dois aparecerem de forma simultânea. Ou seja, em ambas as possibilidades a AST-T denota uma subparte da UT-T, o que não era possível nos esquemas de Reichenbach (1947).

É adotada a tese de que as relações espaço-temporais podem ser uniformemente definidas em termos abstratos de uma oposição semântica básica: [+/- coincidência central] na localização de um acontecimento F(igure) com o lugar G(round).

- a. [+central coincidence]: F WITHIN G
The location, trajectory, linear arrangement of F coincides centrally with G.

¹² Para verificar essas diferentes versões do modelo de Reichenbach confira Ilari (1997) e Côroa (2005).

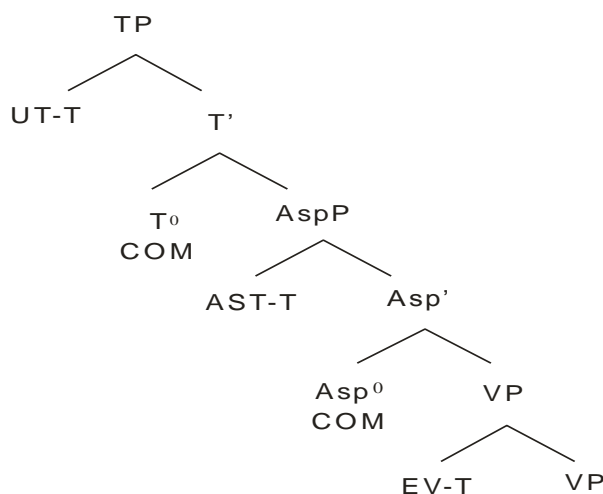
- b. [—central coincidence]: F BEFORE/AFTER G
The location, trajectory, linear arrangement of F does not coincide centrally with G.
- i. [—central *centripetal* coincidence]
The location of F is before G. The trajectory of F is toward (will end at) G.
- ii. [-central *centrifugal* coincidence]The location of F is after G. The trajectory of F is from (begins at) G.” (DEMIRDACHE & URIBE-ETXEBARRIA, 2004, p. 151)

A partir da proposta do esquema acima, podemos observar que as sentenças progressivas podem ser definidas como portadoras de predicados de coincidência central, ordenando F (AST-T) com G (EV-T), uma vez que a realização de EV-T com a AST-T, como podemos conferir na árvore abaixo:

30)

a) Maria está fazendo um bolo.

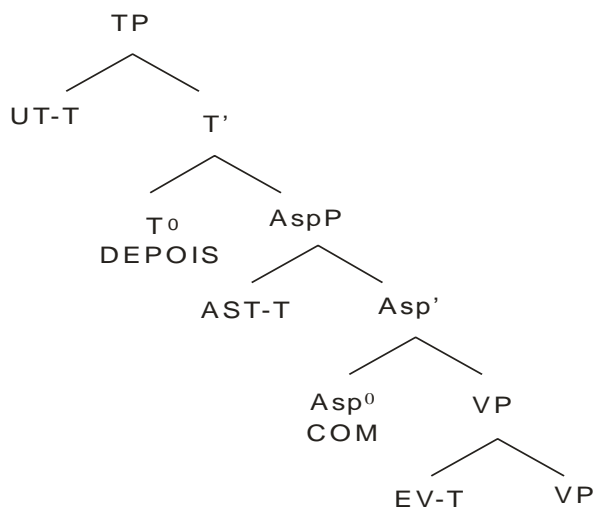
b)



31)

a) Maria estava fazendo um bolo.

b)

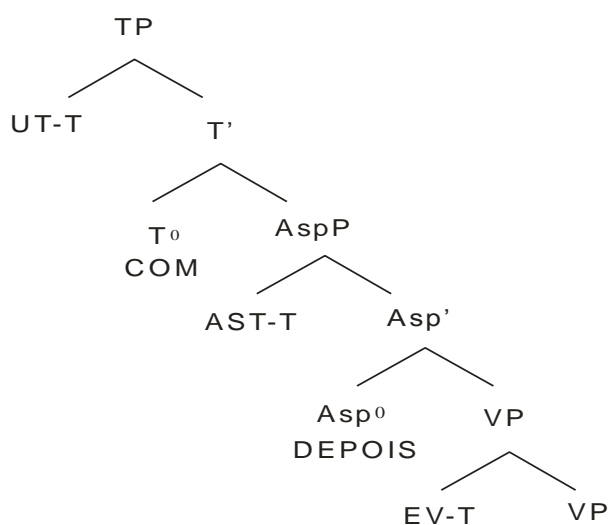


Obedecendo ao mesmo raciocínio, as formas pretéritas são definidas como portadoras de predicados de [- coincidência centrífuga central], pois ordena F (AST-T/UT-T) depois do lugar G (EV-T/AST-T). Vejamos:

32)

a) Maria tem feito um bolo (muito gostoso).

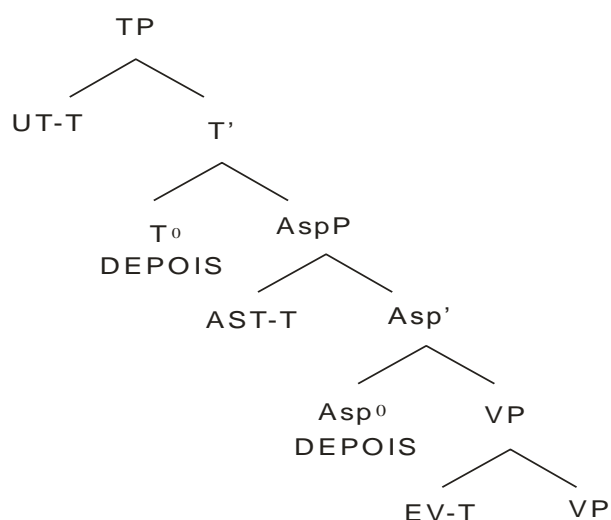
b)



33)

a) Maria tinha feito um bolo.

b)

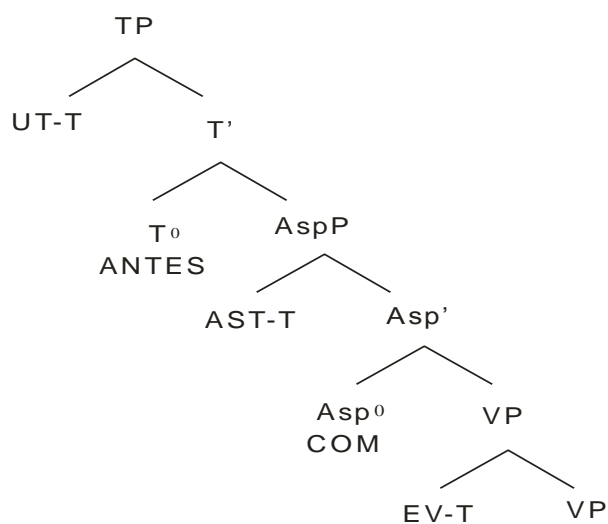


O tempo futuro, por sua vez, tem o predicado definido como portador de [-coincidência centrípeta central], ordenando F (AST-T) antes de G (EV-T), conforme podemos conferir nesta árvore:

34)

a) Maria fará/vai fazer um bolo.

b)



De forma geral, a proposta adotada permite a explanação tipológica das

relações espaço-temporais dos predicados, possibilitando-nos uma reflexão sobre a realização de aspecto e tempo, que podem ou não serem coincidentes, estando passíveis à interferência de semantemas verbais, adjuntos, orações, etc.

2.2.2 Tempo adverbial

O tempo adverbial, evidenciado pelas relações predicativas de espaço e tempo, projeta sua estrutura de argumento temporal na sintaxe, estabelecendo uma relação topológica de inclusão, procedência e subsequência entre seus argumentos. Estes predicados espaço-temporais são definidos em termos de coincidência central ou não-central de F(igure) com G(round).

Vejamos, por exemplo, como se dão as relações aspecto-temporais da sentença:

35) Maria nasceu em 2000, *antes/depois* de Cristo.

Automaticamente, a terminação do verbo *nascer* localiza o evento no tempo passado. Porém, a referência desse evento é restringida pelo sintagma preposicional *antes/depois de Cristo*. Afinal, de acordo com Demirdache & Uribe-Etxebarria (2004, p. 153): “the role of each PP is to restrict the reference of this past event time by ordering it WITHIN/AFTER/BEFORE the time denoted by internal argument”.

Os elementos *com/depois/antes* estabelecem uma relação topológica entre dois tempos: o evento e a referência com o seu complemento DP. Assim, o PP acima especifica o tempo passado do nascimento de Maria com o tempo designado 2000 que precede ou sucede o nascimento de Cristo. Dessa forma, “we conclude that PP time adverbs is a modifier of the time of the event described by the sentence in which it occurs, restricting the reference of this time span to the time designated by its internal argument.” (DEMIRDACHE & URIBE-ETXEBARRIA, 2004, p. 153)

As modificações aspectuais do PP acontecem semelhantemente à modificação que causa o adjunto adverbial ou o complemento de nome no núcleo do sintagma nominal, como na seguinte frase:

36) Este é o gato *na/da caixa*.

O modificador altera a referência do NP, pois não se trata de qualquer gato, mas restringe-se esse para o gato da/na caixa. O mesmo acontece com o PP, modificador temporal que restringe a referência da Zeit Phrase.

O advérbio pode atuar na sentença restringindo a asserção AST-T ou o evento EV-T. Observemos esse conjunto de frases:

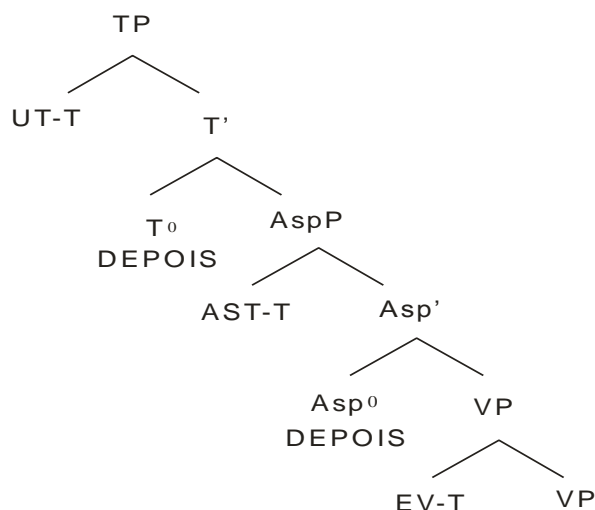
37)

- a) Maria tinha deixado a escola.
- b) Maria tinha deixado a escola às 17 h.
- c) A saída de Maria ocorre antes das 17 h.

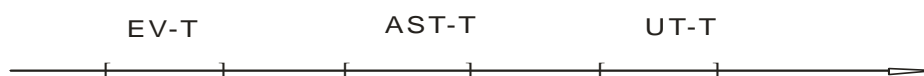
Na sentença (37a), representada pelo esquema e árvore abaixo, percebemos claramente a localização aspecto-temporal dos seus elementos internos.

38)

a)

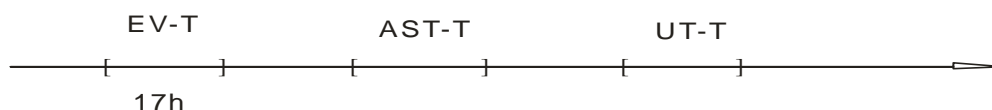


b)



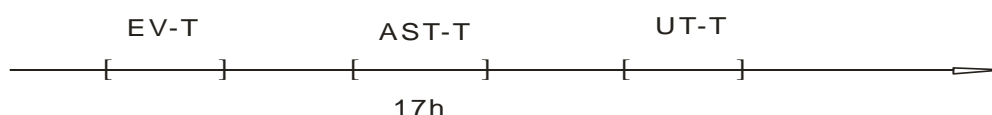
Com a presença do Operador aspectual, *às 17h*, em (37b), a localização do evento é restringida, conforme podemos ver no esquema:

39)



Em (37c), o tempo da saída de Maria culmina antes do tempo passado de referência – AST-T – coincidindo com o tempo denotado por *17h*. Dessa forma, a referência AST-T é restringida conforme vimos na ilustração abaixo:

40)



Como pudemos observar, o Operador Aspectual modifica a leitura aspectual da sentença, restringindo o sentido do evento ou da referência.

Os Operadores também funcionam como elementos recursivos, como ilustrado:

41)

a) Maria nasceu às 4 da madrugada, antes do amanhecer.

b)



Observamos na sentença acima, a presença de dois PPs funcionando como predicado de AST-T, restringindo-o à sua referência. O predicado restringe a referência do AST-T, relacionando-o ao tempo designado pelo argumento interno *4h da manhã*. O Operador *antes* limita a referência do AST-T por estabelecer uma relação de coincidência centrípeta não central entre o AST-T e o tempo designado por *amanhecer*.

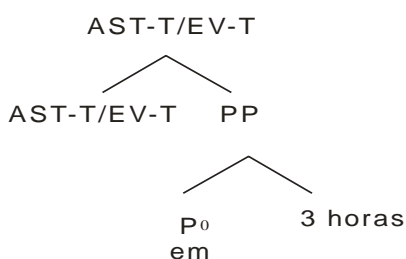
2.2.3 Advérbios de duração

A modificação restritiva dos Operadores aspectuais amplia-se aos advérbios que expressam duração. Eles agem alterando o predicado quanto à restrição do EV-T ou do AST-T da sentença em que ocorram.

42)

a) Maria fez o bolo em três horas.

b)



Esses PPs especificam a duração temporal de AST-T/EV-T – seu argumento externo – à realização de seu argumento interno, neste caso, 3 h. Assim, nós temos uma preposição com limitação espaço-temporal que delimita a duração do argumento externo AST-T/EV-T ao seu argumento interno, o que revela uma relação de coincidência central.

Essa função duracional do advérbio também pode ser recursiva, marcando as fronteiras de início e fim da AST-T/EV-T:

43) Maria viveu de 1950 a 2000.

Dessa forma, podemos ver como os adjuntos adverbiais atuam na restrição temporal da sentença. “We conclude that all time adverbs – whether they have syntax of PPs, bare NPs, or CPs – are in fact PPs headed by a spatiotemporal predicate. They modify (are predicated of) a time argument of the clause in which they occur.” (DEMIRDACHE & URIBE-ETXEBARRIA, 2004, p.165)

É lógica a forma como os advérbios modificam sintática e semanticamente o tempo das Zeit Phrases projetadas na sintaxe como argumentos de núcleos temporais. Eles atuam restringindo e alterando as leituras aspecto-temporais das sentenças.

2.2.3.1. Aspecto adverbial

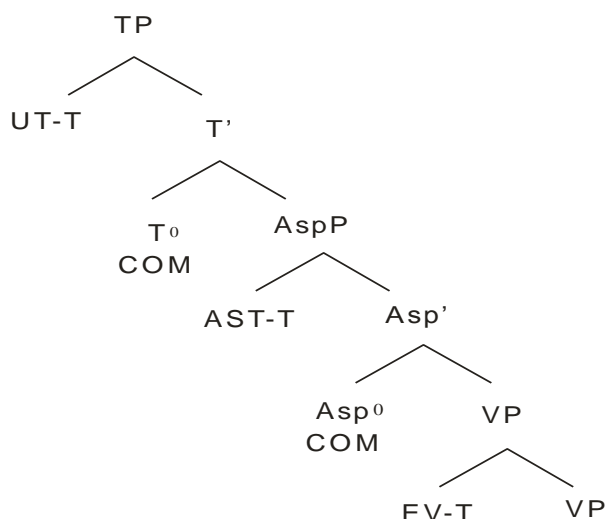
Ampliamos a discussão realizada até o presente momento para englobar as situações aspectuais em que sentenças primordialmente flexionadas no presente aceitam a presença de Operadores Aspectuais que modifiquem a leitura para um tempo futuro, objeto de análise do nosso trabalho. Defendemos que em PB, o adjunto adverbial que atua como Operador Aspectual, não apenas pode restringir a referência do AST-T – como pudemos analisar nos exemplos expostos até então – mas modificá-la completamente. Da mesma forma, também modifica a realização do evento na sentença. Vejamos:

44) Maria está em casa, amanhã.

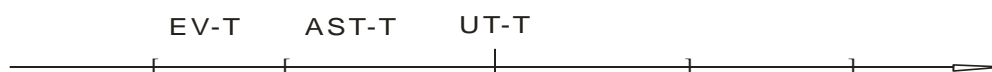
Se considerarmos a primeira informação *Maria está em casa*, o evento (EV-T), a asserção (AST-T) e a interação (UT-T) são coincidentes e podemos representá-la pela árvore:

45)

a)



b)

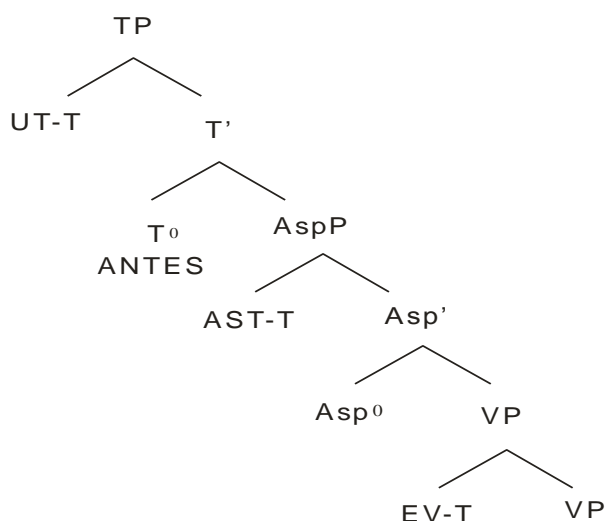


Assim, fica evidente que a sentença localizada no presente concentra em um mesmo tempo/aspecto, o EV-T, AST-T e UT-T. Não há uma subsequência de eventos ou processos, mas uma simultaneidade de informações, pois a realização do evento EV-T, a asserção de tempo AST-T e o tempo de interação UT-T ocorrem ao mesmo tempo, não sendo, portanto sequenciados.

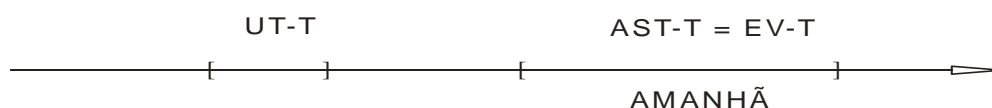
Todavia, considerando a interferência do Operador Aspectual na sentença *Maria está em casa, amanhã*, a asserção AST-T e o evento EV-T são modificados e os esquemas mudam, pois já não podemos dizer que a informação obtida com essa frase está no presente.

46)

a)



b)



Como podemos observar, a presença do Operador Aspectual é capaz de modificar a leitura aspectual da sentença, do presente para o futuro. Pois, o evento EV-T e mesmo a asserção de tempo AST-T foram deslocados para um tempo posterior, fazendo com que o tempo de interação UT-T ocorra *antes* do evento,

conforme pode ser observado em (46b), que autoriza, dessa forma, uma leitura aspectual de futuro.

Assim, podemos observar a capacidade que os advérbios têm de atuarem como Operadores Aspectuais e modificarem, desta forma, a leitura da sentença, podendo deslocar para antes ou depois da UT-T o evento EV-T e a asserção de tempo AST-T, de modo a constituírem o passado ou futuro, dependendo das características semânticas do adjunto.

3 LÉXICO GERATIVO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Trazemos, neste momento, a teoria do Léxico Gerativo de Pustejovsky (1998) para analisarmos a co-composicionalidade dos elementos do predicado que autorizam uma leitura de futuro, mesmo com verbos no presente. Partindo do pressuposto de que cada item lexical tem conferido seu sentido apenas no momento em que entra na numeração e dependendo dos elementos que o acompanham, explicamos como uma determinada palavra ambígua pode ter seu sentido unificado, e, da mesma forma, como o Operador Aspectual de futuro se combina com os demais itens do predicado para autorizarem a leitura semântica.

3.1 A ESTRUTURA LEXICAL

Diante de uma exclusão dos sentidos do léxico numa teoria gerativa, Pustejovsky (1998) propõe que o léxico deve ser um conjunto de sentidos de palavras estruturado e usado para gerar um conjunto maior de sentidos. A partir do princípio de co-composicionalidade, os itens lexicais devem se combinar entre si, formando frases e sintagmas. Assim é descrita a teoria do Léxico Gerativo.

Através desse princípio de co-composicionalidade, é possível explicar a possibilidade que as palavras têm de assumirem sentidos diferentes em contextos diversos. Desse jeito, os sentidos das palavras não têm uma definição atômica, mas se compõem de sentidos sinonímicos às outras palavras e fazem referência a outros sentidos que essas palavras possam ter.

Pustejovsky (1998), dessa forma, considera o Léxico Gerativo como um conjunto computacional que comporta quatro níveis de representação básicos: Estrutura argumental, Estrutura de evento, Estrutura Qualia e Estrutura de Interação Lexical¹³.

¹³ Traduzidas do original inglês: Argument Structure, Event Structure, Qualia Structure e Lexical Inheritance Structure, respectivamente.

Todas essas estruturas em interação autorizam a interpretação dos itens lexicais no contexto. Dessa forma, os vários sentidos se regularizam em termos de entrada no léxico, possibilitando a interpretação como derivados de um paradigma léxico-conceptual.

Discussão que contribui bastante para a análise de nosso problema acerca das sentenças portadoras de verbos no presente, mas com Operadores Aspectuais que permitem uma leitura de tempo futuro; uma vez que descreve a noção de co-composicionalidade, a qual prevê que elementos dentro de uma numeração podem gerar sentidos não lexicalizados para os itens participantes dessa composição, envolvendo, assim, atribuições semânticas subespecificadas de acordo com o contexto. É o que nos possibilita uma explicação para o fato de algumas sentenças, mesmo estando com o verbo conjugado no presente, admitirem uma leitura de futuro devido à interferência de um adjunto. Ou seja, há uma co-especificação dos termos a partir da composição dos itens para a numeração.

Veremos adiante como os níveis de representação se relacionam entre si, possibilitando ao item lexical, dentro de uma numeração, leituras contextuais distintas.

3.1.1 A Estrutura argumental

Trazemos, portanto, a noção de Léxico Gerativo para explicarmos as relações internas dos itens lexicais na Estrutura Argumental, conforme podemos ver:

I will assume that the semantics of a lexical item a can be defined as a structure, consisting of the following four components:

(1) $a = \langle A, \mathcal{E}, Q, I \rangle$

Where A is the argument structure, \mathcal{E} is the specification of the event type, Q provides the binding of these two parameters in the qualia structure, and I is an embedding transformation, placing a within a type lattice, determining what information is inheritable from the global lexical structure. (PUSTEJOVSKY, 2001, p. 62)

A Estrutura Argumental divide-se em quatro tipos de argumentos para todas as categorias sintáticas:

Argumentos verdadeiros: realiza os parâmetros de itens lexicais sintaticamente, como a relação sujeito e objeto. Esse domínio semântico é geralmente conhecido a partir de seu critério temático que poderá classificá-lo por ser ou não animado, ser ou não ser humano.

47) O João comprou um carro.

No exemplo acima, os verdadeiros argumentos ficam por conta do sujeito (Arg₁) que é humano e do objeto (Arg₂) que é não-animado. Neste caso, trata-se de um *objeto* físico que pode ser comprado.

Argumentos Default: parâmetros que participam da lógica de expressão, mas que não são necessariamente expressos sintaticamente, como predicado e complementos nominais. Eles vão tratar da especificidade do Arg₂, quanto a sua natureza que pode ser de posse, de matéria, de localização, etc.:

48) João é vendedor de livros.

Neste caso, percebe-se que o argumento default especifica a natureza de matéria do verdadeiro argumento.

Argumentos Sombra: parâmetros que estão semanticamente incorporados no item lexical. Podem ser expressos por subtipos de operação como os adjuntos adnominais:

49) João pintou a parede nova.

Adjuntos Verdadeiros: parâmetros que modificam a expressão lógica, mas são partes da interpretação situacional. Adjuntos adverbiais:

50) Maria deixou São Paulo, na terça-feira.

Ao trazer a noção de Adjuntos Verdadeiros, Pustejovsky (1998) os define como parâmetros que modificam a expressão lógica a partir da situação interpretativa, pois não têm nenhuma representação particular na semântica do item lexical. Dessa forma, os Operadores Aspectuais podem ser contemplados pela teoria do Léxico Gerativo, em sua função adjuntiva.

Os Adjuntos Verdadeiros se correlacionam com os demais itens lexicais da sentença através da co-composição, concordância, seleção e coerção, conforme podemos verificar:

The view within a generative lexicon is different. The qualia provide the structural template over which semantic transformations may apply to alter the denotation of a lexical item or phrase. These transformations are the generative devices such as type coercion, selective binding, and co-composition, which formally map the expression to a new meaning. (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 86)

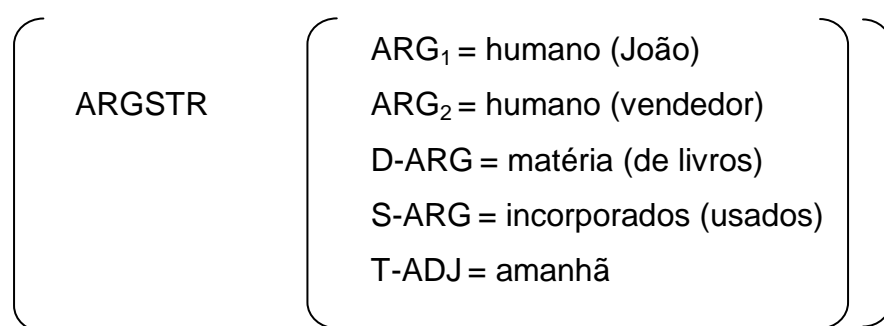
Em outras palavras, o léxico deve ser composto de um conjunto central de sentidos de palavras, estruturados e usados para gerar um conjunto maior de sentidos de palavras combinando-se entre si, pela aplicação do princípio de composicionalidade.

A estrutura do argumento, em seus quatro níveis, pode ser explicada a partir do esquema a seguir, no qual tentamos mostrar como se relacionam dentro da sentença os diversos elementos, dividindo entre si traços argumentais:

51)

a) João visita o vendedor de livros usados amanhã.

b)



Assim, nós podemos observar a organização estrutural dos argumentos que compõem a sentença. O ARG₁ se refere ao argumento principal, o sujeito da oração, que neste caso será humano – João. O ARG₂, conseqüentemente se refere ao argumento interno, o vendedor, que também é humano. De outro lado, o argumento default D-ARG₁ deve especificar a natureza do argumento interno, que neste caso

será *de livros*. O argumento sombra, por sua vez especifica um subtipo de argumentos como *usados*. Por último, os adjuntos verdadeiros modificam a interpretação lógica da sentença ao localizar o evento temporalmente, pois o João só deve visitar o vendedor de livros usados amanhã.

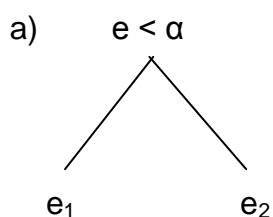
Isso nos mostra a forma como os adjuntos e os demais itens lexicais se compõem determinando as possibilidades de concordância desses itens na sentença e autorizando ou não uma leitura aspectual do predicado.

3.1.2 Estrutura de evento

Para iniciarmos uma discussão sobre a Estrutura de evento, utilizamos a própria definição que Pustejovsky (1998, p. 68) traz: “I assume that events can be subclassified into at least three sorts: PROCESSES, STATES and TRANSITIONS.” Pustejovsky defende que esses eventos sejam representados em uma estrutura de subeventos, na qual um destes é o evento principal, o que implica caracterizar o evento do predicado, seja ele lexical ou sentencial.

O autor assume que “we interpret an “extended event structure” as a tuple, $\langle E, \leq, <, \circ, \odot, * \rangle$, where E is a set of events, \leq is a partial order of *part of*, $<$ is a strict partial order, \circ is overlap, \odot is inclusion, and $*$ designates the “head” of an event.” (op. cit., p. 69). Uma Estrutura de Eventos com subeventos estruturados pode ser observado assim:

52)



Diante dessa estrutura, uma sistematização dos subeventos pode ser configurada: $\langle \alpha$ - **exhaustive ordered part of**: um evento e com sua complexa estrutura constituída de dois subeventos, e_1 e e_2 , sendo que estes ordenados temporalmente, de modo que o primeiro precede o segundo. Essa estrutura permite

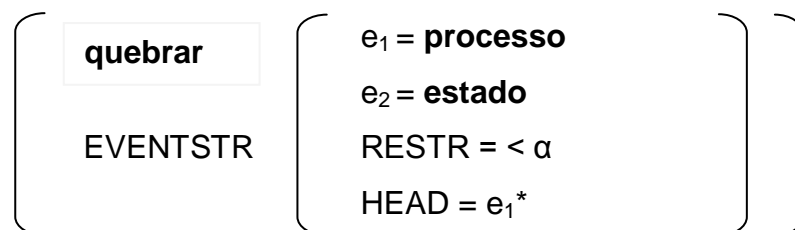
a alternância inchoative/causative em suas frases, bem como uma alternância (talvez metonímica) entre material e produto:

53)

- a) João quebrou a janela com a bola.
- b) A janela quebrou.
- c) Maria esculpiu a boneca na madeira.
- d) Maria esculpiu a madeira em boneca.

É possível observar a representação léxico-semântica do verbo *quebrar* em sua estrutura de evento como um item lexical que tem um evento *e*, com subeventos, e_1 e e_2 , o primeiro indicando um processo, e o segundo um estado, satisfazendo assim a ordenação da restrição citada acima. Podemos observar essa estrutura de tal forma:

54)



O esquema acima tenta ilustrar a estrutura de eventos do verbo *quebrar*. É observável como este verbo pode, dependendo da entrada de demais itens lexicais na numeração, assumir os possíveis eventos de processo ou estado. Foi o que aconteceu com (53a) que evidencia o processo de quebra da janela por parte de João. Já na sentença seguinte (53b) o evento focalizado é o estado, permanecendo em destaque não o processo pelo qual a janela se quebrou, mas o estado em que ela está: quebrada.

No entanto, mesmo que o evento esteja focalizado no estado final – *quebrada* – este é resultado de um processo anterior que será configurado $< \alpha$ - **exhaustive ordered part of** que, no esquema acima restringe a leitura, uma vez que e_2 sucederá temporalmente e_1 . Assim, o símbolo $< \alpha$ representa essa sucessão

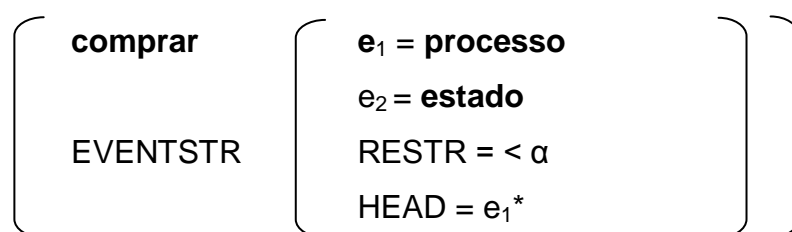
temporal de evento em relação um ao outro. O HEAD, por outro lado, remete ao núcleo contextual do evento, destaca qual dos eventos possíveis está em uso naquele momento, e evita que caiamos em um campo minado de significações. Ou seja, mesmo que um léxico possua mais de algum traço de evento, o HEAD, a partir de * selecionará aquele que está em uso.

Partindo dessa análise, Pustejovsky postula a ideia de que *event headedness* “provides a way of indicating a type of foregrounding and backgrounding of event arguments. An event structure provides a configuration where events are not only ordered by temporal precedence, but also by relative prominence.” (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 72)

Desta forma, podemos dizer que o esquema (54) se refere ao uso do verbo quebrar em contextos do tipo *João quebrou a janela*, em que o núcleo do evento será o processo e não o estado. Ou seja, a regra convencional do estabelecimento de núcleos nas representações sintáticas é indicar proeminência e distinção.

Então, consideremos a estrutura de evento do verbo *comprar*, na sentença *João compra um carro amanhã*:

55)



O verbo comprar também se constitui a partir de traços eventuais de processo e estado, uma vez que podemos ter, com este verbo, construções do tipo *Maria comprou utensílios para a decoração da casa*, na qual fica mais evidente o processo pelo qual Maria compra os utensílios; ou em sentenças como *A casa foi comprada*, em que o estado da compra é que será o núcleo do evento. Os sentidos semânticos do verbo serão restritos por $<\alpha$ que significa que o evento e_2 , no caso o estado, será necessariamente parte resultativo de e_1 , o processo.

Em outras palavras, mesmo o núcleo * do evento de *comprar* podendo ser o estado, este será resultado de um processo de compra; se a casa foi comprada, houve um processo para que ela pudesse ser comprada. Se *João faz o bolo*

amanhã, e o núcleo de evento é o processo da produção do bolo, este resulta em um estado final, que é o próprio bolo.

É o HEAD que contextualizará a leitura possível do verbo, ou seja, deixará em destaque qual das leituras possíveis do léxico está sendo utilizada – no caso acima, a leitura do evento e_1^* – uma vez que * se refere ao núcleo do evento que está a ser utilizado.

Uma sistematização dos subeventos também pode ser configurada como $^\circ\alpha$ - ***exhaustive overlap part of***, na qual um evento e tem em sua estrutura ordenada dois subeventos, e_1 e e_2 , ocorrendo simultaneamente. Verbos do tipo *falar* incluem essa descrição, pois admitem dois eventos simultâneos.

Devido as suas marcas de referência, o evento é aspectualmente não específico, e assume interpretações télicas ou atélicas¹⁴, dependendo do contexto:

56)

- a) O João precisa falar com você depois. (interpretação télica).
- b) Quando eu passei na rua, a Maria falou comigo. (interpretação atélica).

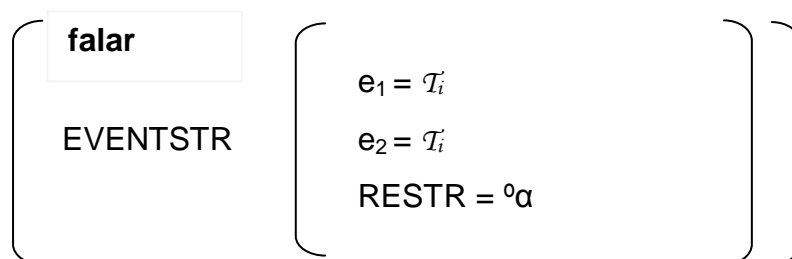
Interessante observar o resultado final proveniente da ação de falar em (56). Na primeira sentença, podemos perceber que há algo específico que o João precisa falar, um assunto pré-determinado, algo que será resultado da ação de falar. Em (56b), ao contrário, temos a interpretação do falar apenas como cumprimentar, sem haver necessariamente uma conversa específica que resulte dessa ação.

No entanto, não podemos dizer que uma ação preceda ou suceda a outra, o fato de as interpretações poderem ser télicas ou atélicas não interfere na ordem em que as ações acontecem. Na verdade, não há uma subdivisão do tempo na realização semântica das sentenças de (56). O fato de João *falar* não precede nem sucede nenhuma ação, por isso, podemos dizer que são ações simultâneas porque elas acontecem simultaneamente com a enunciação, embora possa daí resultar uma interpretação com um fim específico ou não.

Essa ideia pode melhor ser visualizada no esquema:

57)

¹⁴ Compreendamos telicidade aqui como a especificação resultativa de uma ação exercida, conceito utilizado por Pustejovsky (1998) nesta dissertação. Não devendo ser confundida como o processo de duração de uma ação, conforme outrora utilizado nesta dissertação, com base em Castilho (1968).



Observemos que os eventos e_1 e e_2 foram representados por \mathcal{T}_i que representa a Transição de eventos. Neste caso, nenhum antecipa ou sucede o outro, eles se realizam simultaneamente, independente de telicidade.

É o que acontece de forma semelhante com as sentenças:

58)

- a) Amanhã, a Maria *celebra a vinda do João*.
- b) Amanhã, o padre *celebra a missa*.

Independente do resultado semântico do verbo *celebrar* em ambas as frases, a interpretação aspectual é aceita, não havendo problemas com a gramaticalidade de nenhuma dessas sentenças. Em (58a) a relação entre verbo e demais elementos do predicado restringem a possibilidade aspectual para uma leitura atélica, pois não há uma especificação resultativa para a ação do verbo *celebrar*.

Por outro lado, em (58b) o mesmo verbo *celebrar* permite uma leitura aspectual télica ao aceitar um argumento interno *missa*, que é o resultado final de sua ação. Ou seja, o mesmo verbo pode receber interpretações polissêmicas dependendo da relação existente entre si e os demais itens do predicado.

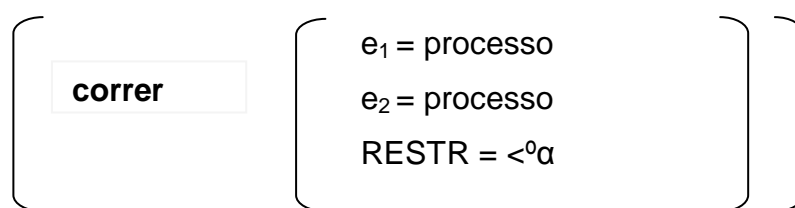
Ponto também interessante a ser observado, nesses exemplos, é que em nenhuma das leituras há precedência ou sucessão da ação, havendo apenas uma transição de eventos, uma vez que processo e estado realizam-se simultaneamente. Da mesma forma, independente do evento, a leitura aspectual foi autorizada.

De outra forma, a $\llcorner\alpha$ - **exhaustive ordered overlap** realiza um evento contendo dois subeventos, e_1 e e_2 , enquanto e_1 inicia-se antes de e_2 . Incluem os verbos de movimento do tipo *correr*, *caminhar*, *chutar* que exigem o movimento das pernas antes do corpo inteiro.

Nós podemos observar que devido a essa relação de ordem parcial, existe um tipo de relação causativa entre os subeventos, em que estes são processados e estruturados em sobreposição completa, isto é, o movimento das pernas proporciona o movimento final do corpo. E, mesmo dessa forma, a leitura aspectual a partir desses verbos é possível. Sentenças como *João corre amanhã* ou *João caminha amanhã* são interpretáveis naturalmente no PB e não produzem problemas de gramaticalidade.

A realização estrutural desses verbos pode ser vista na ilustração:

59)



Vejamos que ambos os eventos são processos, não há aqui um estado. Tal qual foi falado anteriormente, uma ação precede a outra. No caso do verbo correr, o evento e_1 representa o processo de movimento das pernas que antecede a ação de correr que é representada por e_2 . Ou seja, a realização do evento em verbos como *correr* se realizam no processo e sua interpretação depende dessa relação parcial entre anterior e posterior ao movimento das pernas.

3.1.3 Estrutura Qualia

O nível de representação lexical, Estrutura Qualia, diz respeito à força relacional de um item lexical na representação semântica.

We can view the semantics of the verbs as being centrally defined by the qualia, but constrained by type information from the two parameters lists. The predicates in lists directly to the parameters:
 [QUALIA = [... [Qi [PRED (EVENT), ARGk] ...] (PUSTEJOVSKY, 2001, p. 70)

Essa estrutura visa explicar as relações de sentido da entrada lexical que especifica quatro aspectos essenciais do significado (ou quale) de um item:

- **Quale formal:** está estritamente ligado aos argumentos do item lexical. Podemos, normalmente, afirmar que são os argumentos que limitam os significados do quale formal, distinguindo-o de um campo maior. O quale formal é responsável pela representação semântica do item lexical quanto à orientação, magnitude, forma, dimensão, cor e posição;
- **Quale agentivo:** refere-se a sua origem interior. Corresponde à semântica dos artefatos, da origem, do criador, tipo natural, cadeia causal, etc.;
- **Quale constitutivo:** aborda as partes constitutivas de um todo, como, por exemplo, a relação de uma mão para o corpo. Refere-se ao material, peso e partes de elementos que compõem o objeto;
- **Quale télico:** especifica a função exercida, objetivo. Aponta a função da construção, almejando algo a partir de determinadas atividades.

Dessa forma, a partir da Estrutura Qualia, a abertura denotativa que permite a polissemia possibilita diversas interpretações contextuais de um mesmo item lexical, fazendo-se assim a distinção entre o objeto físico e sua abertura (possibilidades de leitura). É importante notarmos que qualquer item ou expressão linguística tem informação na Estrutura qualia, mas não precisamente nos quatro quais listados.

O que pressupõe que o léxico gerativo provém composicionalmente de uma representação semântica uniforme de todos os elementos da sentença, uma vez que os quais podem ser aplicados ou especificados semanticamente de acordo com as relações estabelecidas entre os itens lexicais dentro da numeração.

Se observarmos as construções:

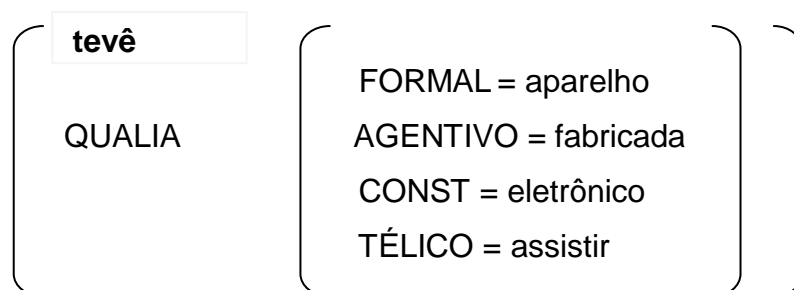
60)

- a) Maria quebrou a tevê.
- b) Maria trabalha na tevê.

Percebemos a denotação dos dois nomes. Em cada um dos usos, o termo tevê expressa um diferente sentido. Em (60a) trata-se de um objeto, em (60b) de um ambiente de trabalho. A habilidade de um léxico representar múltiplos sentidos é referida como Paradigma do Léxico Conceitual (*Lexical Conceptual Paradigm - lcp*). A noção de lcp nos permite intuir que há algo inerente na semântica de um nome que o habilita a projetar sentidos diferentes em contextos diferentes. Se

considerarmos os sentidos de *tevé* tomados em (60a), podemos representar a estrutura qualia no esquema abaixo:

61)



O quale formal da palavra *tevé*, neste contexto, distingue-o de outras significações possíveis, entre elas a assumida em (60b), uma vez que limita a interpretação a um aparelho eletrônico doméstico e não a um ambiente de trabalho. Referindo-se a sua origem, o quale agentivo evidencia a natureza da produção industrial que o aparelho de *tevé* tem; dessa forma, também restringindo sua significação dentro de um campo semântico maior. O quale constitutivo aborda as partes constitutivas de um todo, revela as partes eletrônicas que compõem materialmente o aparelho. E finalmente, o quale télico especifica a utilidade exercida pelo objeto: através da *tevé* é possível se assistir a imagens transmitidas por uma central transmissora.

Assim, podemos descrever o modo como a estrutura qualia limita as possibilidades de leitura contextual, dependendo da co-composição realizada com os demais itens presentes na sentença. Por isso, (61) não tem como única representação a utilização semântica de *tevé* em sentenças como (60a), uma vez que em (60b), quando temos a mesma palavra, a sua significação é completamente diferente.

Cada elemento linguístico de qualquer língua expressa alguma estrutura na qualia, porém, temos que nos ater ao fato de que nem todos os itens lexicais carregam um valor nessa estrutura.

The first point is important for how a generative lexicon provides a uniform semantic representation compositionally from all elements of a phrase. This view of quale structure is a natural extension of the original applications where quale for verbal representations

were not discussed. The second point allows us to view quale as applicable or specifiable relative to particular semantic classes. (PUSTEJOVSKY, 1998, 77)

Ou seja, nem todos os elementos do léxico do PB possuirão traços nas estruturas Formal, Agentiva, Télica ou Constitutiva, embora tenham que possuir traços em alguma(s) delas. Se considerarmos, por exemplo, os sentidos da palavra *tevé* na sentença *Maria trabalha na tévé*, a estrutura qualia será claramente diferente da exposta em (62).

Vejamos:

62)



Os componentes representacionais que ficam evidentes ao tomarmos o item *tevé* como local de trabalho e não como objeto, são o quale agentivo, que a distingue de um campo maior de representação, mostrando-a como um local; e o formal télico que traz a sua finalidade natural de trabalhar.

Dessa forma, pudemos perceber como funciona a estrutura quale restringindo as possíveis leituras de um elemento lexical a partir das relações contextuais e como se dá a significação semântica, mesmo com elementos que aparentemente possuem mais de um sentido, autorizando dessa forma, a noção de co-composicionalidade.

3.1.4 A Co-composicionalidade

A co-composicionalidade visa implementar, numa estrutura aparentemente polissêmica, contextual ou aspectual a aplicação de mais de uma função argumentativa de forma que os verbos também possam tornar-se argumentos de seus próprios complementos, alterando-se, assim, o tipo de evento do verbo, o que autoriza a criação de diferentes significados para o verbo pelos diferentes tipos de

complementos. “Briefly, co-composition describes a structure which allows, superficially, more than one function application.” (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 122)

A co-composição descreve a estrutura com a qual permite as realizações funcionais. Consideremos a sentença: *João usou a faca nova no bife*. Sabemos que faca é um instrumento que permite cortar. Então, deduzimos que João cortou o bife. Se usarmos qualquer outro termo, a significação muda, como *João usou a caneta nova no bife*.

O mesmo acontece com as sentenças portadoras de verbos no presente que devido à ação de um advérbio de tempo permite a leitura aspectual de futuro à sentença, como em *Eu vejo você amanhã*. Mesmo que o verbo VER esteja conjugado no presente, como *amanhã* é advérbio que possui a ideia de um momento ainda não realizado, nos é permitida tal leitura. Não apenas permitida, mas necessária, uma vez que seria equívoco assumir tal sentença como estando no presente.

Podemos, desse modo, acreditar que a leitura aspectual de sentenças com verbos no presente, mas com Operador Aspectual de futuro é compreendida através desse estudo polissêmico dos itens lexicais, podendo, de acordo com o contexto de produção possuir informações em quaisquer desses aspectos da qualia, através da co-composição.

O que acontece com os Operadores Aspectuais e os itens do predicado para assumirem uma leitura aspectual é uma co-composição desses elementos entre si, gerando um conjunto maior de sentidos.

Quando nos deparamos com sentenças do tipo:

63)

- a) Eu o chamo amanhã.
- b) João compra um carro na próxima semana.
- c) *Eu simpatizo com você daqui um mês.
- d) *Eu te odeio amanhã.

Indagamo-nos sobre o porquê das sentenças (63a) e (63b) serem gramaticais em PB e (63c) e (63d) não o serem. A leitura aspectual necessita de uma co-composição por parte dos elementos do predicado, pois em (63a) podemos afirmar que o verbo *chamar* e o advérbio *amanhã* se co-especificam, permitindo uma leitura

aspectual e não havendo qualquer problema de interpretação. O mesmo que acontece com (63b), pois a locução adverbial *próxima semana* se co-especifica com o verbo *comprar*, nos direcionando para uma única leitura possível, a de uma ação no tempo futuro, mesmo que o verbo esteja no presente.

Por outro lado, nos exemplos (63c) e (63d) não há co-especificação por parte dos elementos envolvidos na numeração. Podemos dizer que os verbos *simpatizar* e *odiar*, assim como outros verbos, não admitem esse compartilhamento de traços semânticos com o Operador Aspectual, impossibilitando, desta forma, uma leitura aspectual em função do futuro.

Concordando com Pustejovsky (1998), a significação semântica não está isolada na palavra, mas na relação que esta pode estabelecer entre os termos do léxico que combinando-se entre si, autorizam distintas leituras.

Se considerarmos as sentenças *João alugou a casa para meu primo e Depois que alugou a casa, João se mudou para lá*; fica evidente a dupla significação do verbo *alugar*, ceder em locação para alguém, ou tomar em locação. Os distintos sentidos que o verbo *alugar* pode receber deriva da relação de co-composição dos elementos da sentença, não de traços inerentes ao item lexical.

Por isso, independente de *alugar* ter inicialmente mais de um sentido, devido à proximidade de outros elementos na sentença, seu aparente duplo-sentido se desmancha, sendo-nos autorizada apenas uma leitura. A interpretação não depende unicamente do verbo, mas da relação existente entre este e os demais itens dessa frase.

Essa mesma palavra, ainda pode ganhar diferentes sentidos, dependendo dos elementos que a acompanhem: *João me alugou a manhã inteira*. Neste caso, a palavra *alugar* pode ser lida como ocupar o tempo, e não mais referente ao fato de ceder ou tomar algo em locação.

Por outro lado, **O elefante alugou a casa*, torna-se problemática por o verbo *alugar* exigir um sujeito agente humano, o que torna inviável a leitura de tal sentença, que unicamente dependendo de um contexto restrito, no qual o *elefante* se refira a um sujeito humano, seja permitida tal leitura.

Foi o mesmo que aconteceu com (63c) e (63d), logo acima; os verbos *simpatizar* e *amar* possuem traços semânticos que não podem ser compartilhados com Operadores Aspectuais de tempo futuro, se conjugados no presente, por isso, mesmo sintaticamente não havendo problema algum, semanticamente as frases são

agramaticais, ou seja, não houve co-composição dos elementos da sentença, ambos os elementos se tornaram incompatíveis.

Só para tomarmos mais um exemplo da co-composição dos elementos lexicais na estrutura frásica, podemos utilizar um simples exemplo do verbo *cozinhar* que, com complementos como *bolo*, *carne*, *comida*, autoriza um sentido completo; já com palavras como *alho* ou *tempero*, a interpretação permitida é de apenas uma parte do processo de cozinhar.

Podemos ver também como frases construídas com o verbo *assar* apresentam leituras diferentes em cada realização:

64)

a) Maria assou a carne.

b) Maria assou o bolo.

Em (64a) temos a mudança de estado da carne, que agora está assada. Já em (64b) temos processo de criação, uma vez que bolo só é bolo depois de assado; o máximo que podemos ter antes dele assado é a massa do bolo, mas ainda não o será. Essas diferentes leituras são possíveis porque há uma co-composição relacionando o verbo aos seus complementos.

O verbo *assar* constitui, ele mesmo, um evento de processo. Ele se torna o estado resultante desse processo em sua estrutura *quale* que tem origem no *quale* agentivo, pelo ato de *assar* relacionar o evento de sua estrutura aos seus argumentos. A interpretação que será dada a partir da combinação de *assar* + *bolo* é o sentido gerado pelo processo previsto de que *bolo* é o algo criado a partir da ação de *assar*.

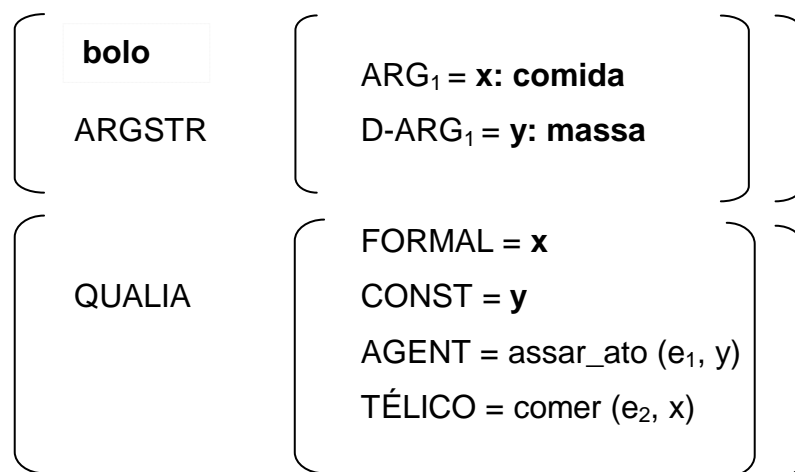
Por ser objeto do tipo comida, *bolo* se distingue de um conjunto maior de objetos que não são comida, o que é evidenciado pelo *quale* formal. O *quale constitutivo* possibilita a percepção a partir de seu argumento *default* que *bolo* é um objeto feito de massa.

E o *quale* télico indica que ele pode ser comido, pois essa é a sua função. Assim, os traços semânticos se relacionam no interior do item lexical.

Pode ser observado no esquema seguinte que o *quale* constitutivo retoma o argumento *default*, demonstrando que o elemento que o constitui, a massa, pode ser expressa na numeração como parâmetro lógico da expressão. De forma

semelhante, o quale formal está intrinsecamente ligado ao argumento verdadeiro ARG₁, distinguindo o bolo de um conjunto maior de objetos:

65)



O mais interessante, contudo, é ver como o quale télico, que evidencia a finalidade semântica do elemento lexical *comer*, está relacionado com o argumento verdadeiro *comida*; e como o quale agentivo retoma o argumento default para caracterizar a origem interior do *bolo* através do ato de assar a massa, ou seja, como a estrutura qualia e a estrutura de argumento se relacionam entre si para garantirem a leitura semântica do item lexical.

Dessa forma, fica explicado o processo de como a entrada do léxico *bolo* interfere no sentido da sentença, inclusive do verbo *assar*.

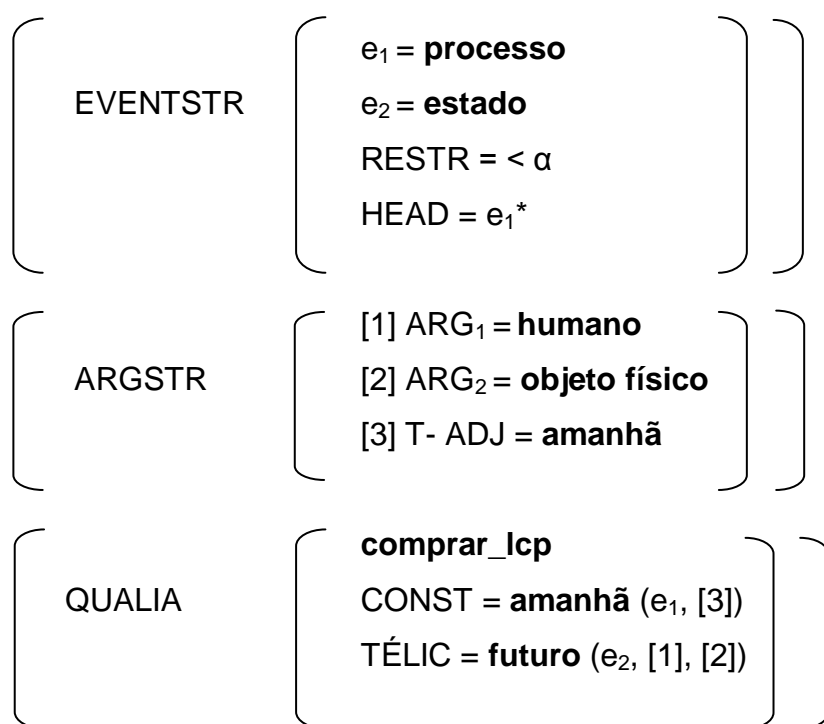
3.1.5 Evento de processo

Acreditamos que em sentenças do tipo *João compra um carro amanhã*, a entrada do item lexical *amanhã*, interfere inclusivamente na carga semântica do verbo *comprar* que mesmo aparecendo conjugado no presente, autoriza uma leitura de tempo futuro. A diferença para (64b) é que *bolo* é naturalmente um argumento que se co-compõe com certos tipos de verbo que o aceitem como tal.

No caso dos advérbios, a co-composição vai se realizar, principalmente, a partir da estrutura de eventos – uma vez que o verbo tenha o evento definido – e

não da estrutura argumental, como naturalmente acontece com sintagmas nominais. A estrutura de evento de cada verbo, dependendo da presença dos demais elementos na sentença pode ter seus subeventos modificados a fim de autorizar a leitura aspectual ou não. Vejamos logo abaixo a estrutura lexical da sentença: *João compra um carro amanhã*:

66)



A representação mostra, na organização estrutural, como é possível uma leitura aspectual de futuro, a partir de adjunto de tempo, mesmo com a presença de um verbo no presente.

Na primeira parte, na estrutura de evento, temos em e_1 o processo da compra de um carro por parte de João, que é o núcleo HEAD do evento, restringindo a **exhaustive ordered part of**; em e_2 , o estado resultante dessa compra.

Na segunda parte do esquema, na estrutura argumental, temos como argumentos verdadeiros ARG₁ um agente humano, que neste caso é *João*, o qual realiza a ação de comprar o carro, e ARG₂, o objeto físico *carro* que sofre a ação da compra. Todos modificados pelo verdadeiro adjunto *amanhã* que localiza o momento da ação em um tempo futuro.

Mas é na estrutura qualia que fica evidente como toda a sentença se modifica a partir da entrada do Operador Aspectual e o modo como *amanhã* interage com os demais itens da numeração alterando o sentido. O quale constitutivo *amanhã*, que se repete na estrutura argumental, está se relacionando com o núcleo do evento, o processo e_1 , modificando, dessa forma, o evento de estado e_2 resultante desse processo, o que conseqüentemente altera a leitura de toda a sentença para um momento futuro que se torna evidente no quale télico, uma vez que este se conecta com o processo geral da ação e_1 e com os argumentos verdadeiros ARG₁ e ARG₂.

Assim, queremos mais uma vez chamar a atenção para a estrutura de eventos, observando que um dos seus subeventos é um processo, sendo justamente este modificado pela presença do Operador Aspectual *amanhã*, conforme pudemos verificar na estrutura qualia; pois é no quale constitutivo que acontece essa modificação aspectual, no momento em que o advérbio modifica o processo do evento e conseqüentemente, o estado resultante.

Esse é o princípio de co-composicionalidade, em que o complemento pode afetar o sentido do verbo, assim o quale formal do adjunto torna-se o quale formal de toda a sentença ao aceitar um quale télico de futuro.

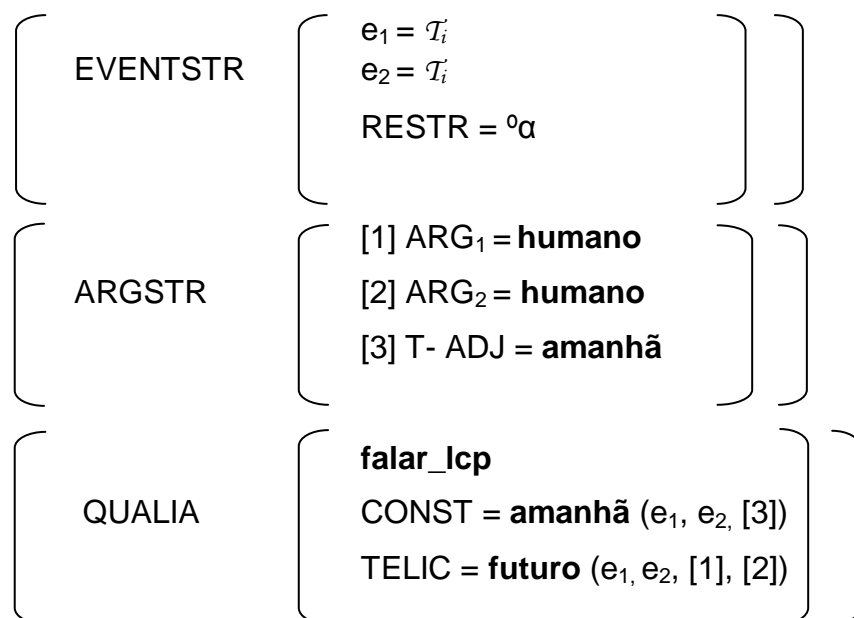
Esse primeiro esquema representa a configuração semântica de uma relação aspectual baseada na sistematização de eventos de Pustejovsky (1998) $\langle \alpha$ – **exhaustive ordered part of**, uma estrutura de dois subeventos (processo e estado), sendo que o primeiro antecede o segundo. É justamente o que acontece com (66).

Se observarmos essa relação aspectual a partir da estrutura de eventos, podemos ter algumas explicações dos porquês dessa possibilidade aspectual no PB.

Vejamos como se organizam as informações semânticas de uma sentença numa estrutura lexical que representa um sistema de subeventos ${}^{\circ}\alpha$ – *exhaustive overlap part of*:

67)

- a) Eu falo com você amanhã
- b)



Observando inicialmente a estrutura de eventos, vemos os eventos e_1 e e_2 serem representados por \mathcal{T}_i Transição, uma vez que o processo de falar e o estado que resulta deste são simultâneos, não havendo uma ordem (ordered) de eventos que se sucedem ou se antecedem, embora seja evidente que nessa \mathcal{T}_i há um processo e um estado.

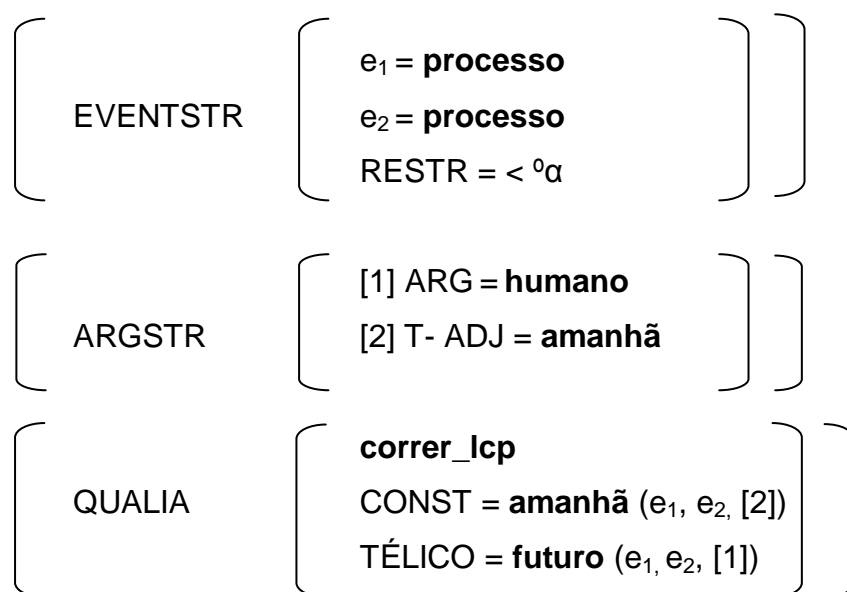
Quando essa informação de evento chega ao quale constitutivo, ele atua modificando o processo de evento, por isto estão representados no constitutivo os eventos e_1 e e_2 , que não podem ser subdivididos entre processo e estado por ocorrerem simultaneamente. Então, essa modificação aspectual que ocorre com o processo da ação, automaticamente também modifica o estado resultado.

É essa modificação que está representando no quale télico o campo de modificação do Operador Aspectual. Assim se constitui a co-composição dos itens lexicais de uma numeração. Deve-se, para tanto, levar em consideração as características semânticas de cada item lexical nessa relação com os demais itens da numeração.

Vejamos também outra realização de evento que se realiza a partir apenas de processos e como esta pode permitir uma leitura aspectual em função do futuro.

68)

- a) João corre amanhã.
- b)

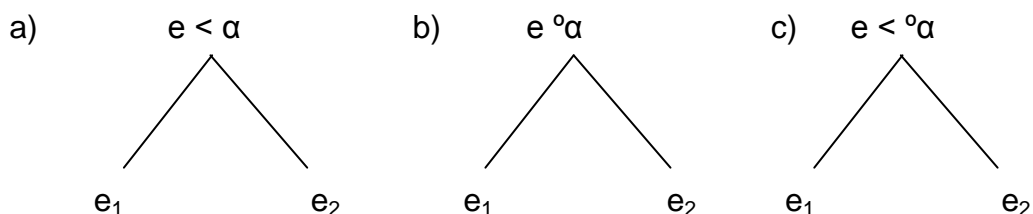


Em (68b) que representa a estrutura lexical de (68a), podemos ver como os eventos realizados são apenas processos, isto é, os eventos realizados pelo verbo *correr* nessa sentença revelam a existência de dois subeventos, sendo ambos processos. Podemos dizer que o processo de correr exige o processo de movimento das pernas antes de todo o corpo e por outro lado, não podemos extrair daí um estado resultante desse processo.

Nesse contexto, trata-se de um verbo que contém apenas processo. E, como já foi visto nos esquemas anteriores, é justamente no processo que se realiza a modificação aspectual do advérbio. Isso nos leva a prever que este é um tipo de verbo que aceita uma co-composição com o advérbio *amanhã*, autorizando uma leitura de futuro de toda a sentença.

Quando chegamos ao constitutivo da estrutura qualia, podemos claramente observar como o advérbio *amanhã* atua junto aos processos e_1 e e_2 , possibilitando a leitura de futuro no quale télico. Isto é, na estrutura de subeventos $\langle \text{}^0\alpha$ – *exhaustive ordered overlap* também pode se realizar a leitura aspectual em função do futuro.

O que é interessante observarmos até o presente momento é que as três estruturas de eventos analisadas portam em seus subeventos ao menos um processo, seja na $\langle \text{}^0\alpha$ – *exhaustive ordered part of*, na $\text{}^0\alpha$ *exhaustive overlap part of*, ou na $\langle \text{}^0\alpha$ – *exhaustive ordered overlap*, conforme podemos representar na estrutura arbórea abaixo como e_1 :



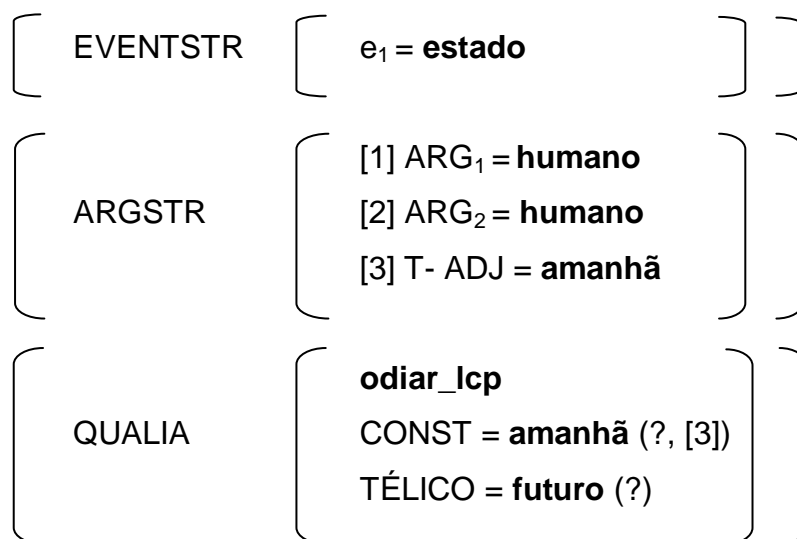
Desde o início desta dissertação, pudemos constatar que os verbos copulativos não permitiam uma leitura aspectual, e que mesmo alguns não copulativos do tipo odiar, desejar, fracassar, etc. também não permitiam. Diante disto, começamos a criar hipóteses que pudessem explicar por que alguns verbos permitem e outros não, pois, conforme já foi visto até agora, independente da telicidade, do tipo de verbo, se incoativo, causativo, inacusativo e assim por diante, a leitura aspectual pode se realizar.

Foi quando percebemos que a informação de tempo que se realiza no quale formal deriva das relações de eventos realizados na estrutura de eventos. Isto é, se na primeira estrutura não houver apenas um evento de processo, a informação aspectual não se realiza na qualia. Vejamos como isso (não) acontece:

70)

a) *João te odeia amanhã.

b)



O verbo odiar carrega em sua estrutura de evento apenas a informação de estado, uma vez que não se necessita de nenhum processo para odiar, e diferentemente das demais estruturas aqui analisadas, ele não tem subeventos.

O fato desse verbo autorizar apenas o evento de estado interfere diretamente na possibilidade de co-composição com os outros elementos da numeração, pois quando a informação chega ao constitutivo quale, não há interpretação, o que automaticamente inviabiliza a leitura aspectual no quale télico, como pode ser visto acima, o que impossibilita também a representação arbórea desse evento.

Ou seja, fica evidente que a co-composição entre o verbo e os demais elementos da numeração, que permite a leitura aspectual, necessita de um processo na estrutura de evento, pois, é a partir dele, que a leitura de futuro deve chegar à estrutura qualia. Por isto, na estrutura representada acima, temos apenas uma (?) no quale constitutivo, uma vez que a modificação do Operador Aspectual não se realizou por não haver ali um processo, o que conseqüentemente inviabilizou a leitura de futuro no quale télico.

Dessa forma, também podemos explicar o fato de alguns verbos, dependendo do contexto, aceitarem ou não uma leitura aspectual. É o que acontece, por exemplo, com o verbo amar, uma vez que o lendo como atividade sexual, podemos realizar frases como *Eu te amo amanhã*. Nesse caso, teremos, sim, a realização de um processo dentro da estrutura de evento desse verbo que, dependendo da situação de uso, pode assumir outros sentidos.

Vemos em (71), com a realização estrutural de uma sentença com o verbo *amar*, que a leitura aspectual se tornou possível especificamente porque a estrutura de evento foi alterada para receber um processo, o que restringe a leitura de evento ao $< \alpha$ – ***exhaustive ordered part of*** e permite que a informação seja interpretada na estrutura quale. Podemos assim perceber que os resultados semânticos das numerações decorrem de um processamento computacional dos termos desta mesma numeração no sentido da co-composicionalidade, na qual a entrada de cada item lexical interfere na presença dos demais itens, possibilitando leituras polissêmicas, contextuais ou aspectuais.

71)

- a) Eu te amo amanhã.
- b)

EVENTSTR	$e_1 = \text{processo}$ $e_2 = \text{estado}$ RESTR = $\langle \alpha$ HEAD = e_1^*
ARGSTR	[1] ARG ₁ = humano [2] ARG ₂ = humano [3] T- ADJ = amanhã
QUALIA	amar_lcp CONST = amanhã ($e_1, [3]$) TÉLICO = futuro ($e_2, [1], [2]$)

Isso faz com que independente da classe gramatical a que pertença o item lexical, ele se co-componha com os demais elementos da sentença, autorizando assim a interpretação semântica apenas no momento em que este entra na numeração, não havendo sentidos nucleares das palavras, mas sentidos que são ativados a partir do confronto de itens na numeração.

3.1.6 Ausência de evento e evento de estado

No entanto, algumas frases que realizam apenas estado ou mesmo que não têm evento permitem uma leitura aspectual de futuro mesmo com verbo no presente, constituindo assim alguns problemas que tentamos resolver: como explicar o fato de sentenças sem evento verbal, como *Há aula amanhã*, serem realizáveis, ou mesmo que sentenças com verbos estativos acompanhados de adjuntos locativos também permitirem tal leitura.

Sentenças portadoras de verbo que não têm evento, quando acompanhados de argumentos verdadeiros que carreguem a informação processual, terão como núcleo da qualia o próprio argumento e não mais um verbo, como vimos nos exemplos utilizados até o momento. Ou seja, como não há um verbo que marque o

evento, o processo significado a partir do substantivo argumento fornece as informações necessárias para serem interpretadas na qualia. Vejamos:

72)

a) Há aula amanhã.

b)

EVENTSTR	[e ₁ = ∅]
ARGSTR	[[1] ARG ₁ = ∅ [2] ARG ₂ = processo [3] T- ADJ = amanhã]
QUALIA	[aula_lcp TÉLICO = futuro ([2], [3])]

A estrutura de evento, como dito anteriormente, em sentenças que tenham verbo sem evento e argumentos que expressem processo não se realizará, podendo ser ausente da representação, ou como preferimos, marcar com um sinal de vazio ∅. Dessa forma, toda a alteração aspectual se realizará nas estruturas de argumento e qualia.

Observemos que no ARG₂, quando vamos definir a propriedade do argumento externo, temos um processo como definição, pois *aula*, por si só, já realiza um processo.

Na estrutura qualia, como não temos um verbo de evento, o núcleo da qualia será *aula*. Por este motivo, a estrutura qualia está representada apenas pelo quale télico, pois é ele que vai marcar a noção de futuro, que se realiza no ARG₂ e T-ADJ. Não temos, portanto, a representação do constitutivo uma vez que não temos verbo eventivo.

Por outro lado, situações como *Estou em casa amanhã* ou *Permaneço aqui amanhã*, parecem sugerir uma exceção à regra, pois realizam um evento de estado, mas permitem uma leitura aspectual de futuro. Atemo-nos a uma proposta de solução a esse problema para explicar porque situações como estas são possíveis.

Acreditamos que a resposta está na estrutura qualia. Se lembrarmos a definição de Pustejovsky (1998), vemos que este estabelece quatro elementos na estrutura quale: formal, agentivo, constitutivo e télico. Cada um responsável por uma parcela de informação do léxico. No entanto, todas as construções que tínhamos analisado utilizavam no máximo dois quales.

O que acontece dentro da qualia é que cada quale fornece uma informação para o quale seguinte até chegar ao télico que é responsável pela leitura final. Se houver algum tipo de problema com os quales anteriores, a leitura não se realiza no quale télico.

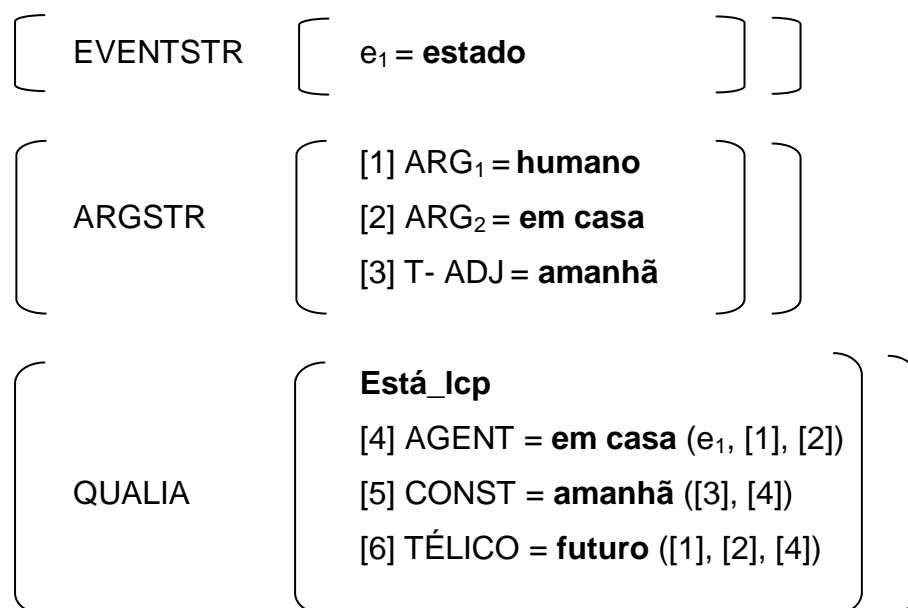
Então, o adjunto adverbial de lugar – que acreditamos ser o responsável por permitir essa alteração aspectual – se realiza no quale agentivo, fornecendo as informações necessárias para serem interpretadas pelo quale constitutivo, autorizando, dessa forma, a leitura aspectual de futuro.

Observando a estrutura lexical deve ficar mais fácil perceber esse relacionamento de informações que acontece na numeração:

73)

a) Maria está em casa amanhã.

b)



É interessante observarmos na estrutura argumental que o T-ADJ altera o sentido da estada de Maria em casa, ao modificar o ARG₂. Quando chegamos à estrutura qualia do verbo *estar*, vemos que o evento de estado e_1 é compreendido e modificado pelo agentivo quale que funciona localizando o estado do evento.

A partir de então, a informação interpretada pela quale agentivo migra para o constitutivo quale responsável pela interpretação de evento processual. Como neste caso não temos a informação processual, o que vai chegar até ele é o resultado do quale agentivo. Ou seja, o quale constitutivo recebe a informação derivada do quale agentivo modificando então sua leitura temporal. Vejamos que no quale constitutivo há o processamento das informações oriundas do quale agentivo [4] e do próprio advérbio [3]. É a partir de então que a informação desce ao quale télico autorizando a leitura aspectual.

Esse esquema funciona com verbos locativos e inacusativos seguidos de adjuntos adverbiais de lugar. Isso explica porque verbos do tipo *morar*, que inicialmente não permitem leitura de futuro se estiverem conjugados no presente – por encerrar apenas um estado –, autorizam-na se surgirem intercalados por adjunto de lugar, como esta frase que ouvimos de um amigo nosso que deseja vir morar em Maceió: *Se Deus quiser, próximo ano moro aqui*.

Dessa forma, neste capítulo da dissertação, mostramos a relação direta existente entre a leitura aspectual de futuro e o evento realizado pelo verbo no interior da sentença. Vimos que, de uma forma geral, o verbo tem que realizar um evento de processo para permitir a presença de um Operador Aspectual que modifique a leitura de tempo de toda a numeração. Embora, alguns casos, os quais não realizam evento, possam realizar a mesma leitura aspectual, se a estrutura de argumento carregar nuclearmente a noção de processo, pois desse modo é a estrutura de argumento que fornece as informações necessárias para o processamento de sentido na estrutura qualia.

Ou no caso dessa leitura aspectual ser possível mesmo quando se tem um verbo estativo, pois assim, a leitura se realizará em PB, desde que tenha como argumento interno um locativo, que será representado na estrutura qualia como agentivo e, a partir de então modificado pelo quale constitutivo a fim de ter seu sentido validado. Não havendo, nesta ocorrência específica a necessidade de se ter a realização de um processo no interior da numeração.

Desse modo, explicamos como se comportam o verbo e os demais itens da numeração para permitirem uma leitura aspectual de futuro quando temos um verbo no presente e um Operador Aspectual de futuro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almejamos neste trabalho analisar as situações em que a sentença com verbo no presente, mas com a presença de um Operador Aspectual de tempo, permite uma leitura de futuro.

Partindo de um pressuposto teórico gerativo, utilizamos dados de introspecção para mostrar que a leitura aspectual em função do futuro não é algo que possa ser generalizado para todas as construções verbais. Observamos que algumas construções permitem essa leitura aspectual, enquanto outras não.

Procuramos representar, em construção arbórea, como se estruturam o tempo e o aspecto a partir de adjuntos adverbiais pois, concordando com Demirdache & Etxebarria (2004), consideramos que relações de tempo e aspecto do advérbio se organizam topologicamente entre inclusão, precedência ou subsequência, o que evidencia a existência de estritas relações do advérbio com os demais itens predicativos.

Como a teoria gerativa de Chomsky (1981, 1993, 1995) não procura dar conta das relações semânticas do predicado e, conseqüentemente, não explica eficazmente, por exemplo, as possíveis leituras aspectuais que um predicado pode receber, dependendo dos elementos que o compõem, trouxemos a teoria do Léxico Gerativo (PUSTEJOVSKY, 1998) que propõe uma organização estrutural da semântica, explicando como os falantes de uma língua atribuem significados a cada item lexical, e evitam entre outras coisas, possíveis redundâncias.

Defendemos assim a existência de um Léxico Gerativo que seleciona co-composicionalmente os elementos semânticos da sentença, entre eles os adjuntos adverbiais que funcionam como Operadores Aspectuais que atuam modificando a leitura aspectual do predicado para o tempo futuro.

É justamente por isso, que em algumas sentenças é possível a leitura aspectual e em outra não, pois cada elemento frásico se co-compõe com os demais, compartilhando, assim, uma gama de traços semânticos.

Essa co-composição se realiza dentro da estrutura lexical através das relações existentes entre as estruturas de argumento, de evento e qualia, sendo

analisado o modo como as informações contidas em cada uma dessas estruturas migram para as demais, a fim de autorizar as leituras possíveis.

De uma forma geral, a leitura aspectual de futuro, a partir da interferência de adjuntos adverbiais de tempo, necessita de uma comunicação direta entre o evento realizado na estrutura de evento e os quais da estrutura qualia. Sendo necessária, portanto, a realização de um evento de processo nessa relação para que permita tal leitura de futuro, ou que as informações contidas na estrutura de argumento ou no quale agentivo sejam suficientes para autorizar a modificação aspectual de toda a numeração a partir da presença de um Operador aspectual.

Por isso, sentenças como *João compra um carro amanhã* tem uma interpretação plena dentro do PB, pois acreditamos que cada elemento dessa numeração está se co-compondo com os demais de modo a autorizar uma leitura aspectual de futuro, mesmo com o verbo no presente.

A noção de co-composicionalidade, dessa forma, foi a chave-mestra de nosso trabalho, uma vez que nos possibilitou mostrar que as leituras aspectuais analisadas aqui são possíveis por haver, em princípio, uma força co-composicional que permite que cada elemento da numeração interfira no potencial semântico de toda a sentença, sendo possível apenas a leitura aspectual quando todos os termos da sentença se co-especificam.

Dessa forma, chegamos ao fim de nossa dissertação, sabendo ainda existirem muitos pontos a serem discutidos, mas que por necessitarmos terminar este trabalho, não poderão ser aqui debatidos, ficando então, a possibilidade de aprofundarmos estas questões em trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba de. Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa. In: **Coleção de teses**. nº 6. São Paulo: Marília, 1968.

CHOMSKY, Noam; LASNIK, Howard. A teoria de princípios e parâmetros. In: JACOBS et al. (eds). **Syntax**. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1993.

CHOMSKY, Noam. Chomsky no Brasil. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 13, n. especial, 1997.

CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso**. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, 1994.

CHOMSKY, Noam. **O programa minimalista**. Tradução de Eduardo Raposo. Lisboa: Caminho, 1995.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CORÔA, Maria Luiza. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola, 2005.

DEMIRDACHE, Hamida; URIBE-ETXEBARRIA, Myriam. Syntax of time adverbs. In: GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline. **The syntax of time**. Massachusetts: Current studies in linguistics, 2004.

DUARTE, Inês; BRITO, Ana Maria. Predicações e classes de predicadores de verbos. In: MATEUS, Maria Helena Mira. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. Ed. Lisboa: Caminho, 1997. p.179-203.

FARIAS, Jair Gomes de. **Aspectos da sintaxe de preposições no português**. 2005. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.

GODOI, Elena. **Aspecto do aspecto**. 1992. Tese (Doutorado em Ciências) Departamento de Linguística do Instituto de Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas 1992.

ILARI, Rodolfo. **A Expressão do tempo em português**: esboço de uma gramática. São Paulo: Contexto, 1997.

JACKENDOFF, Ray. **Semantic interpretation in generative grammar**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.

LARSON, Richard. On the double object construction. **Linguistic Inquiry**, 19:3, p. 335-392, 1988.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

LOPES, Ruth Vasconcelos. **Uma proposta minimalista para o processo de aquisição de linguagem**: relações locais. 1999. Tese (Doutorado em Estudos da linguagem) Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MIOTO, Carlos. et al. **Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 1999.

NETO, José Borges. Semântica de Modelos. In: MULLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; FOLTRAN, Maria José. (orgs) **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Fátima. Semântica. In: FARIA, Isabel Hub. et al. (org.) **Introdução a linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996. p. 333-382.

OLIVEIRA, Fátima. Tempo e aspecto. In: MATEUS, Maria Helena Mira. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 1997. p. 128-178.

OLIVIA, Madre [Cilia Coelho Pereira Leite]. Valor de aspecto. In: OLIVIA, Madre [Cilia Coelho Pereira Leite] **Semântica num confronto entre duas análises de português**. 2. ed. Maceió: EDUFAL, 1979. p. 229-235.

PUSTEJOVSKY, James. **The gerative lexicon**. London: Cambridge, The MIT Press, 1998.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho, 1992.

REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

